

ཕོ་རྒྱུ་ལག་ལུགས་ལོ་ལོ་

葡文

P O R T U G U Ê S

Vestuário Tibetano
de Drango

CONTEÚDO

110	Preâmbulo
113	Prefácio
115	Chapéu de Feltro Vermelho
119	Estilo Tamarisco das Treze Tranças
123	Amuleto de Gau
129	Manto de Couro
137	Mecha: Atacante de fogo Tibetano
143	Bota Tricolor
149	Chapéu de pele de raposa

157	Capa de feltro
165	Chapéu de exposição
171	Yego
177	Manto de lã
181	Gancho para balde de leite
185	Corda do Estilingue
193	Tsaleb
197	Trewo Trajes

Preâmbulo

Ao longo da história da humanidade, a língua, a comida e o vestuário serviram de essência a diversas culturas. Quando estes símbolos culturais desaparecem, a etnia, independentemente de qual seja, perde o seu significado. Infelizmente, devido ao rápido avanço da globalização, muitas culturas étnicas tradicionais sofreram transformações drásticas em espaços de tempo curtos, e por vezes aproximam-se mesmo da extinção.

No Tibete, mesmo em algumas áreas remotas, sente-se o impacto generalizado da cultura moderna. Uma grande parte da população do Tibete não resiste às tentações sem precedentes da moda rápida e começou a se afastar do seu estilo de vida tradicional. Consequentemente, tradições preciosas foram completamente deixadas de lado e a identidade étnica fragmentou-se. O traje que usávamos quando crianças, bem como os costumes e hábitos dos nossos pais quase desapareceram em apenas algumas décadas e, enquanto isso, os mais velhos que carregam essas memórias vão morrendo. Confrontado com esta realidade desanimadora, senti-me dominado por um profundo sentimento de angústia e, após profunda reflexão, tomei a decisão de redireccionar os meus esforços para o vestuário e os adornos na esperança de poder dar uma modesta contribuição para o resgate e preservação da cultura tradicional.

O vestuário tibetano apresenta uma rica variedade de elementos e cores vibrantes que refletem o mundo natural: o azul representa o céu e os lagos, o vermelho representa o fogo, o amarelo representa a terra e o verde representa as pastagens - tendo em vista que a natureza nos presenteia com diversas energias. Além disso, acredita-se que os sete tesouros comumente vistos nos ornamentos tibetanos – ouro, prata, coral, ágata, âmbar e muitos mais – ultrapassam o simples adorno, pois têm também o poder de afastar o mal, proteger o corpo, e promover a longevidade.

O ambiente único do planalto de neve tibetano influencia profundamente o modo de vestir das diferentes regiões. Nas áreas pastoris a grande altitude, as pessoas usam pesados mantos e vestes de couro; nas áreas agropastoris (semi-agrícolas e semi-pastoris), o material mais usado é principalmente a lã; e nas áreas agrícolas a baixa altitude, prevalecem os tecidos leves. O vestuário não é apenas uma simples expressão cultural, é também um testemunho e cristalização da sabedoria de adaptação ao ambiente.

Além disso, segundo os nossos ancestrais, o vestuário tibetano foi abençoado e transmitido pelas manifestações dos bodhisattvas: Songtsen Gampo, a manifestação de Avalokitesvara; Trisong Detsen, a manifestação de Manjushri; Tri Ralpachen, a manifestação de Vajrapani, bem como pelos grandes siddhas como Padmasambhava, Vimalamitra e Shantarakshita. Usar esses trajes étnicos autênticos e puros não proporcionam apenas calor e dignidade, carregam também as bênçãos divinas dos Bodhisattvas.

A fim de proteger e preservar a cultura representativa do vestuário tibetano, criei o Museu dos Trajes Tibetanos Deda, em Janeiro de 2018, e investi muitos recursos humanos, materiais e financeiros nesse esforço. Várias equipes foram enviadas diversas vezes a Kham, Amdo, U-Tsang e a outras regiões para recolher vestuário tibetano antigo, entrevistar anciãos locais, aprender sobre os processos de produção, a classificação dos materiais e a origem histórica do vestuário, para então, de forma meticulosa, exibir, expor e preservar os artefatos recolhidos.

No entanto, recolher vestuário foi apenas o primeiro passo. Se os materiais relevantes não forem compilados em documentos, a ampla divulgação dessa preciosa herança cultural será difícil no futuro. Percebi que a maior parte da investigação nacional e internacional sobre o vestuário tibetano estava limitada a certas regiões e que faltavam estudos abrangentes sobre o vestuário de todo o Tibete. Assim, em Setembro de 2020, foi criado o Centro de Pesquisa de Vestuário do Planalto Tibetano, para o desenvolvimento de estudos sistemáticos sobre

o vestuário tibetano e a preparação de vários livros. Planeamos publicar um livro por ano, apresentando o vestuário de diferentes regiões - começando pela minha cidade natal, Drango, e cobrindo gradualmente toda a área tibetana. Também pretendemos traduzir este trabalho para várias línguas, no sentido de promover a cultura tibetana globalmente.

No processo de edição, com base em materiais de primeira mão, registamos fielmente as técnicas de fabricação e produção, histórias de fundo, provérbios e enigmas narrados por anciãos tibetanos. O nosso foco foi manter rigorosamente a autenticidade sem quaisquer enfeites ou elementos especulativos destinados a chamar a atenção. Além disso, qualquer peça de vestuário compartilhada por diversas regiões é exibida na seção de destaque de uma única região, para evitar a sobreposição com outras edições regionais.

A nossa pesquisa está ainda numa fase preliminar e exploratória, falta algum profissionalismo e alguma maturidade em algumas partes, o que inevitavelmente suscitará críticas. No entanto, nesse ritmo acelerado da globalização, se a nossa geração não se esforçar para preservar essa herança cultural, as gerações futuras saberão ainda menos.

O vestuário tibetano é parte integrante da cultura tibetana, e também a personificação da diversidade cultural da humanidade. A preservação da cultura tibetana implica a salvaguarda dessa diversidade cultural. Esperamos que, através dos esforços conjuntos, mais pessoas conheçam o encanto único da cultura tibetana. Também estendemos o nosso profundo agradecimento a todos os que nos prestam apoio e assistência, pois só os esforços de todos é que permitiram apresentar agora este livro.

4 de Junho de 2024

Sodargye

Prefácio

O condado de Drango está situado na parte centro-norte da Prefeitura Autônoma Tibetana de Garze, na província de Sichuan, com uma área total de 5.796,64 quilômetros quadrados. Apresenta um clima de planalto frio de monções continentais e é uma área semi-agrícola e semi-pastoril típica. O condado de Drango não é apenas conhecido pela sua arte Thangka e pelas canções de montanha, que são representação de uma longa e rica atmosfera cultural, é também conhecido pela sua cultura de vestuário. O vestuário enfatiza a coordenação de cores e os designs dos padrões, apresentando um artesanato requintado que é parte importante da profunda herança cultural de Drango.

Este livro, intitulado "Vestuário Tibetano de Drango", é o culminar dos estudos e pesquisas abrangentes sobre os trajes tradicionais de Drango. Seleccionamos cuidadosamente um conjunto completo de trajes tradicionais com uma longa história no artesanato, de rico significado cultural e apresentamos catorze peças de vestuário e acessórios individuais para os leitores explorarem. O livro oferece explicações detalhadas sobre os nomes, adequação de gênero, adequação à ocasião, finalidades, materiais e procedimentos de produção desses trajes. Além disso, foram ainda incorporadas inúmeras lendas e provérbios para demonstrar o valor cultural dessas peças de vestuário. Como tal, este livro pode servir como obra científico-popular de valor para o público e como obra de referência para pesquisadores profissionais.

Como diz o ditado: "A roupa é um totem histórico que pode ser usado". Esses trajes incorporam a essência material da civilização e possuem valor espiritual. A fim de descobrir o artesanato original, o significado representativo e os materiais usados na produção destes trajes, conduzimos investigações de campo e procuramos informações com pelo menos seis anciãos locais, colocando repetidamente questões sobre o conteúdo relevante de cada traje. Os relatos orais foram registrados, organizados em texto, comparados e organizados. Em última análise, todas as informações foram fielmente documentadas por escrito. É importante notar que todo este livro é baseado, exclusiva e fielmente, nos relatos orais dos anciãos, sem qualquer invenção.

Esta publicação sobre "Vestuário Tibetano de Drango" tem como objetivo despertar o interesse dos leitores pelos trajes de Drango. Esperamos que este livro leve o leitor a uma melhor compreensão e exploração das conotações culturais por trás dessas peças de vestuário. Acreditamos que essa herança cultural é tão importante quanto qualquer tesouro familiar herdado. Gostaríamos também de expressar a nossa sincera gratidão àqueles que demonstraram enorme cuidado e apoiaram o nosso projeto de estudo. Além disso, estendemos o nosso agradecimento aos anciãos que encontramos e entrevistamos, que demonstraram verdadeiro carinho e pureza de coração. Acolhemos com satisfação quaisquer recomendações para melhorar o texto e resolver quaisquer deficiências.

Centro de Pesquisa de Vestuário do Planalto Tibetano

6 de Junho de 2024

A man is shown in profile, facing left. He is wearing a dark, wide-brimmed hat with a large, dense fringe of red tassels hanging from the top. Underneath the hat, a light-colored fabric with a pattern is visible. He is also wearing a dark shawl or jacket over a colorful, striped scarf. The background is solid black, and the lighting highlights the textures of the hat and the man's features.

**CHAPÉU DE
FELTRO VERMELHO**



- | | | | | | |
|-----------------------|--------------------------|---------------------------|-----------------------|-----------------|-------------------|
| 1 Ilhó | 2 Tampa superior (Vinco) | 3 Ponta de borla vermelha | 4 Pescoço do chapéu | 5 Nó auspicioso | 6 Corpo do chapéu |
| 7 Guirlanda de concha | 8 Aba do chapéu | 9 Banda (laço) de chapéu | 10 Camada superficial | 11 Bainha | 12 Entretela |

O chapéu de feltro (བྱིང་ལྷོ་མེད་ལྷོ་མེད་ལྷོ་མེད་), também conhecido como chapéu de feltro com franja vermelha (བྱིང་ལྷོ་མེད་ལྷོ་མེད་ལྷོ་མེད་), é frequentemente usado no verão por homens na área pastoral de Drango, é também utilizado como chapéu cerimonial.

O chapéu consiste principalmente nos seguintes componentes: ilhó "Temo" (འཛེབ་མིག་), na tampa superior "Xia Gao" (ལྷོ་གཤམ་), na ponta da borla vermelha "Jia La" (ཅ་ལམ་), na gola do chapéu "Xia Ge" (ལྷོ་གླེ་), nó auspicioso "Baza" (བ་བླ་), o corpo do chapéu "Rachaiier" (རྒྱ་མོ་ལྷོ་མེད་), a guirlanda de conchas "Dongchang" (དུང་ཟེང་།), a borda de chapéu "Shada" (ལྷོ་འདད་ལྷོ་མེད་), forro externo "Xiayou" (ལྷོ་གཤམ་ལྷོ་མེད་), faixa de chapéu "Shalong" (ལྷོ་ལུང་།), bainha (borda) "Katen" (ཁ་སྐྱུ་ལྷོ་མེད་), etc..

O formato do chapéu é cilíndrico. A superfície do corpo do chapéu é forrada e o seu centro da frente é bordado com um padrão espiral contínuo. Acima da guirlanda são bordados nós auspiciosos ao redor de todo o chapéu. Há um pescoço do chapéu mais alto no topo do chapéu que, segundo a lenda, foi concebido para encobrir os chifres na cabeça Langdama. O ilhó é costurado na parte superior do pescoço do chapéu e é circundado por um círculo de borlas vermelhas que se espalham em todas as direções, pendendo aproximadamente até a guirlanda de conchas. A borda da aba do chapéu é estreita por fora e larga por dentro e é geralmente feita de tecido vermelho ou preto. O principal material para a confecção do chapéu é o feltro feito de penugem de iaque ou de lã de ovelha com um ano de idade. A parte interna ou posterior do chapéu é envolvida por uma camada de tecido preto chamada entretela. Quando usado, a parte posterior da aba inclina-se para cima, enquanto a parte da frente da aba se estende para fora, permitindo que a água da chuva escorra facilmente.

A produção de feltro não passa por um processo de tecelagem, mas sim comprimindo e enrolando as fibras da lã. Os tibetanos usam feltro para fazer diversos utensílios domésticos, como roupas, chapéus, sapatos, capas de chuva, almofadas, colchas, etc.. Essa tradição tem uma longa história - o feltro é forte, durável, macio e agradável à pele. É muito adequado às rápidas mudanças climáticas e ao terreno complexo da região montanhosa. É um material muito prático para a vida diária. Existe um ditado que descreve a durabilidade do feltro: "Uma faca afiada não consegue cortá-lo, nem uma garra consegue rasgá-lo".

No livro "O Novo Livro de Tang: Volume 216a Biografia 141a" consta que o povo tibetano comumente usava feltro e roupas de lã compactada, indicando uma longa história dessa tradição do uso de feltro. Além disso, popularizaram-se no seio da população muitos provérbios e enigmas.

Há alguns provérbios que dizem: "a faixa do chapéu de feltro branco deve ser bem apertada, caso contrário o vento forte o levará embora"; em "Provérbios Supi Zomba" diz-se que "uma esposa abandonando o marido é como perder um cavalo de guerra no campo de batalha; um nobre filho abandonar o pai é como descartar uma capa de chuva durante a chuva"; e "o amor de mãe, assim como o feltro, é forte e sustenta todas as coisas". O enigma "o pai usa casaco de pele, o filho usa chapéu de feltro; o filho bate no pai e o pai chora" é usado para descrever o tocar tambor.

O chapéu de feltro com borla vermelha não só tem a função prática de prevenir a chuva e o sol, mas também tem uma profunda conotação cultural. Usando um chapéu de feltro com borla vermelha, a aparência majestosa de um homem da área da Kham é revelada, o que também testemunha a sabedoria das habilidades de fabricação de feltro.



A woman is shown in profile, facing left. She has long, dark hair styled into 13 braids. She is wearing a dark brown, long-sleeved garment with a white, textured fur collar. A necklace of brown beads is visible around her neck. A large silver hoop earring is on her ear. A white cylindrical object is attached to the end of one of her braids, which is decorated with red and black threads. The background is solid black.

**ESTILO TAMARISCO DAS
TREZE TRANÇAS**



1 Franja de cabelo

2 Trança

3 Trança de coroa

4 Fios de extensão

5 Anel de marfim

6 Acessórios para trança de cabelo

O “Estilo Tamarisco (Tamargueira) das Treze Tranças” é um penteado tradicional para homens da região pastoral de Drango. Consiste em franja de cabelo, tranças, parte superior da trança em forma de coroa, parte inferior da trança em forma de coroa, fios suplementares, amarração na extremidade (final), anel de marfim e acessórios para rabo de cabelo, etc..

O “Estilo Tamarisco (Tamargueira) das Treze Tranças” leva esse nome devido ao número de tranças e à técnica utilizada para trançar. Durante o processo de trança, os treze fios de cabelo foram trançados, criando um padrão semelhante ao de tamargueira. Na parte de trás da cabeça, cada seção contém treze fios trançados em uma trança "Zalmo Gang" plana ou quadrada. A trança da coroa se separa do topo junto com quatro fileiras de tranças grandes abaixo dela. As grandes tranças eram todas trançadas juntas e depois amarradas com a amarração final. Dependendo da situação financeira da família, os anéis de marfim e os anéis em forma de sela eram usados para enfeitar o acabamento. No final, os fios de seda coloridos eram trançados em quatro. As tranças suplementares caem naturalmente. A franja na testa era tipicamente aparada diretamente nas sobrancelhas, quanto mais reto o corte, mais atraente ele é. As tranças das têmporas separadas dos lados são para conectar a grandes brincos redondos. No passado, também havia o costume de raspar os cabelos atrás das orelhas até a nuca (ཇོ་ཞབས་ལེན། cho zhabs len).

No passado, os homens não trançavam os cabelos com frequência, mas adotavam o que era chamado de "penteado com fezes de cachorro" (ཁྱི་སྐྱུག་ khyi skyag) - solto, mas não completamente despenteado e também sem estilo elaborado. Eles pegavam uma mecha de cabelo da largura de um dedo, misturavam-na com lã de iaque ou dzo, aplicavam um pouco de óleo de cipreste ou açúcar mascavo





e esfregavam repetidamente até formar uma massa emaranhada, mas compacta. Esse cabelo preparado era então deixado solto nas costas ou casualmente preso numa trança simples.

Na vida cotidiana, sejam adornados ou lisos, as pontas do cabelo podem cair nas costas, enroladas no pescoço como um colar, cair sobre a região direita do peito ou enroladas na cabeça. Quando enrolado na cabeça durante um acampamento ao ar livre, pode fornecer calor e suporte como um travesseiro. Este estilo também poderia proteger a cabeça durante lutas de faca com inimigos - assim como os grandes brincos redondos também ofereciam proteção para a área da cabeça e pescoço.

Historicamente, os homens Drango mantinham esse penteado durante todo o ano. Para ocasiões especiais como oferendas de Sang e casamentos, as tranças eram decoradas de forma mais luxuosa, enquanto o uso diário era mais simples. Infelizmente, como uma cristalização da sabedoria ancestral, as Treze Tranças do Estilo Tamarisco estão agora à beira da extinção na região pastoral de Drango - essa herança cultural tradicional enfrenta a crise de ser perdida.

Sendo um penteado masculino exclusivo da região pastoral de Drango, as suas técnicas de tranças e adornos destacavam valores artísticos e ideais estéticos distintos. Durante um certo período histórico, este estilo trançado não só foi altamente prevalente, mas também carregou um profundo significado cultural.



AMULETO DE GAU



- 1 Recipiente de amuleto 2 Janela do Santuário 3 Ombro 4 Oito padrões auspiciosos 5 Padrão de grama encaracolada
- 6 Padrão Kirtimukha 7 Caixa de armazenamento 8 Aro 9 Tampa

Gau é uma espécie de pequeno santuário portátil que serve como amuleto protetor e decorativo, usado tanto por homens quanto por mulheres. Consiste em recipiente de amuleto, janela de santuário, caixa de armazenamento, aro, cordão e tampa.

Por ser um acessório extremamente precioso e deslumbrante, o amuleto de gau pode conter objetos sagrados, como estátuas em miniatura, fotografias, cordão de proteção, objetos consagrados, pílulas dutsi, bem como fragmentos de roupas, fios de cabelos, relíquias e cinzas de relíquias de lamas e tulkus. A sua superfície metálica é decorada com bordas frisadas e gravados com vários padrões auspiciosos, como grama encaracolada, Garuda, vajra duplo, as quatro dignidades, antílope e dharma roda, Krtimukha, Garuda e Naga maidans, Makaras auspiciosos, cervos filho da fortuna, elefante vigoroso e leão veloz e feroz.

O cordão do gau feminino é normalmente feito de materiais refinados, como turquesa, coral, contas dzi, pérolas e outros materiais; os homens, entretanto, geralmente usam cordões de proteção longos e grossos ou lenços khata. O aro gau é usado para amarrar e prender o cordão. Se as bordas da porta do nicho principal da caixa gau prateada for feita de ouro, a janela do santuário será chamada de janela dourada.

Inicialmente, o gau era usado principalmente para remover obstáculos e expulsar forças demoníacas. Com o passar do tempo, a sua função evoluiu para proteção e decoração. Com a melhoria das condições econômicas, os materiais usados para fabricar gau tornaram-se mais diversificados, incluindo ouro, prata, cobre e madeira - sendo o ouro e a prata combinados particularmente valiosos, chamados de "gau de ouro e prata".



Os amuletos gau vêm em uma ampla variedade, de formas e tamanhos, e podem ser divididos em barya, gau pequeno, gau redondo, gau Khalima, gau hexágono e gau octógono. O gau maior, normalmente usado por homens e pendurado debaixo do braço, é conhecido localmente como "bar ya". Khalima gau tem esse nome devido ao formato do amuleto, que se lembra um rim (khal significa 'rim'). O centro do Khalima gau e do hexágono gau geralmente apresenta coral, cercado por oito peças de bordas incrustadas em turquesa e filigrana de prata com padrões de rolagem. O phurba curto (cha ru ཅར་) na parte inferior é puramente decorativo, sem finalidade prática.

O gau usado por homens e mulheres difere em estilo: os amuletos gau masculinos normalmente apresentam uma janela de santuário, desenhada no símbolo Kalachakra (o desenho da Reunião de Dez Elementos Poderosos) ou um arco de porta em forma de caixão pitaka, através do qual os objetos sagrados em seu interior (dentro) podem ser vistos e venerados. Os amuletos gau femininos, costumam ser redondos e sem janela e são adornados com incrustações de turquesa e coral. Além disso, existem amuletos gau octogonais, hexagonais, redondos e em forma de rim, sendo os três últimos formatos particularmente populares na área local.

Na vida cotidiana, os homens e as mulheres usam amuletos gau pequenos e simples em volta do pescoço para a proteção, enquanto em ocasiões especiais, como festivais, optam por amuletos gau mais elaborados (luxuosos). Diz-se que no passado, os homens usavam grandes amuletos gau quando saíam para fazer negócios ou para a guerra a fim de garantir uma viagem tranquila e bem sucedida. No entanto, se um gau for usado diretamente em contato com a pele, é considerado uma profanação da estátua de Buda em seu interior, por isso geralmente é usado sobre uma camada de roupa. Quando não estiver sendo usado, o gau é embrulhado em pano ou brocado e colocado em local limpo.

Nas canções folclóricas locais, o gau é dotado de ricos significados e simbolismo. Por exemplo: "No leste, há um gau prateado em forma de sol e lua, ansiando para ser usado, mas sem cordão. Isso não se deve à falta de conexão com vidas passadas, mas sim porque o momento apropriado nesta vida ainda não chegou." "Em meu gau prateado, há três nós Sakya: o primeiro é um objeto sagrado; o segundo é uma decoração, e o terceiro é você." "As mulheres jovens são como o gau de prata e os homens jovens são como a decoração de coral. Vamos tentar decorar o gau com coral para ver se adequa" e assim por diante.

Em resumo, o gau tem uma longa história, servindo como um importante símbolo de fé da Terra das Neves, destacando o gosto estético único e o artesanato requintado dos tibetanos.





MANTO DE COURO



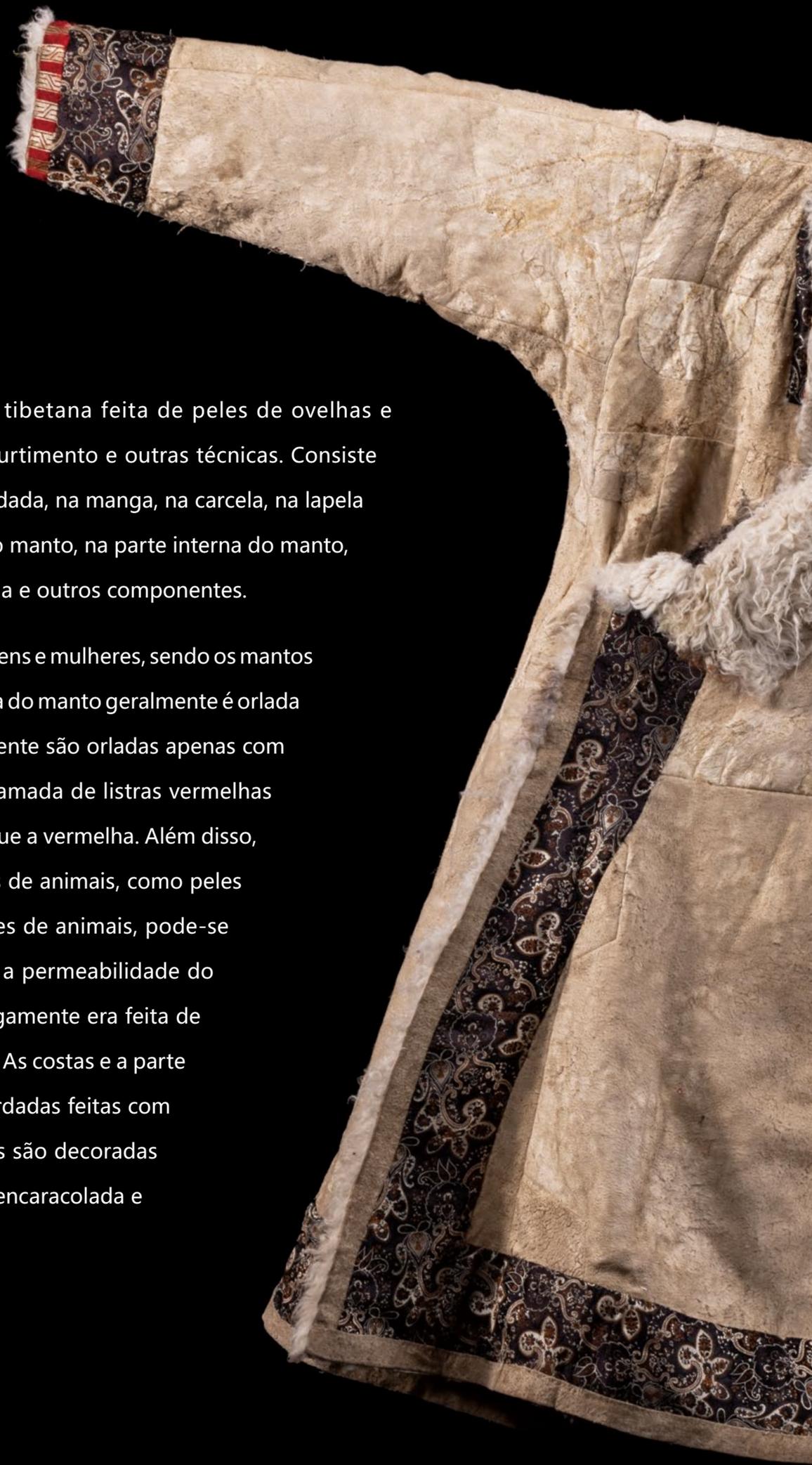
- | | | | | | |
|------------------|------------------|--------------------|----------------------|--------------------------|--------------------------|
| ① Gola | ② Borda de lã | ③ Remendo de ombro | ④ Manga | ⑤ Manga frontal | ⑥ Costura sob o braço |
| ⑦ Lapela externa | ⑧ Lapela interna | ⑨ Borda de couro | ⑩ Remendo de cintura | ⑪ Parte externa do manto | ⑫ Parte interna do manto |
| ⑬ Borda preta | ⑭ Borda vermelha | ⑮ Borda de reforço | ⑯ Fio de orla | | |



- | | | | | | | | | | | | |
|----|------------------------------|----|-----------------------------|----|---|----|------------------|----|------------------|----|------------------------------|
| 17 | Costa e a parte do ombro | 18 | Capa de ombro | 19 | Tiras de pele veado aquático; | 20 | Costura do ombro | 21 | Costura do ombro | 22 | Padrão de grama encaracolada |
| 23 | Padrão de chifre de carneiro | 24 | Padrão de nariz de cachorro | 25 | Extremidade final da cobertura dos ombros | 26 | Borla | 27 | Carcela | 28 | Costura da cintura |
| 29 | Costura lateral | 30 | Reforços laterais | 31 | Parte de trás do manto | | | | | | |

O manto de couro é um tipo de roupa tradicional tibetana feita de peles de ovelhas e outros animais que são tratadas e processadas por curtimento e outras técnicas. Consiste principalmente na gola de pele, na capa de ombro bordada, na manga, na carcela, na lapela externa, na lapela interna, na borla, na parte externa do manto, na parte interna do manto, nos reforços laterais, na parte de trás do manto, a borda e outros componentes.

O estilo do manto de couro varia ligeiramente entre homens e mulheres, sendo os mantos masculinos mais largos do que os das mulheres. A bainha do manto geralmente é orlada com listras decorativas; já as vestes masculinas geralmente são orladas apenas com listras pretas, enquanto as femininas possuem uma camada de listras vermelhas sobrepostas às pretas, sendo a parte preta mais larga que a vermelha. Além disso, a faixa preta costuma ser cercada ou orlada com peles de animais, como peles de veado aquático. Se não for possível encontrar peles de animais, pode-se usar um pano branco como alternativa. Para garantir a permeabilidade do manto, a parte de trás é decorada com borla que antigamente era feita de tecido, mas agora é feita principalmente de fio de seda. As costas e a parte dos ombros são atapetadas com capas de ombros bordadas feitas com pele de veado aquático e outros animais, cujas bordas são decoradas com padrões, como o de chifre de carneiro, de grama encaracolada e o de nariz de cachorro.





A manga traseira é ligeiramente mais grossa e longa, enquanto a manga frontal é mais macia e curta. Esse corte curvo pode atender melhor aos requisitos ergonômicos. A carcela é confeccionada em pele de veado aquático, que apresenta boa elasticidade boa elasticidade.

O material usado para fazer o manto é principalmente lã de pele de carneiro, geralmente é coletada no Tibete entre Julho e Setembro, quando a lã tem quase o comprimento de um círculo ao redor do dedo. O manto de couro ideal é aquele com toda a lã no mesmo comprimento. Em tibetano, apenas as peles de ovelha com mais de um ano podem ser chamadas de pele de carneiro (ལུག་ལྗགས། lug lpags), enquanto aquelas com menos de um ano são chamadas de pele de cordeiro (ཚ་རུ། tsha ru). No dia a dia, existem diversas técnicas de curtimento utilizadas pelos pastores. Uma opção comum é enterrar peles de carneiro no solo úmido para amolecê-las, depois raspar a carne restante antes de cobri-la com uma mistura de matéria cerebral podre de animal e iogurte estragado, deixá-la repousar e iniciar o curtimento. A ferramenta utilizada é uma faca de descarnar com vários dentes, também chamada de pente de couro. Após o curtimento, o couro é lavado com uma mistura de leite, água e soro de leite, deixando-o limpo e brilhante.

Há uma letra de uma canção folclórica: "Usei sete peles de carneiro para fazer um manto de couro, esperando por aquela que seria minha amada. Não vendo minha amada com gola enfeitada de leopardo, meu coração nunca se acalmará." Essa passagem descreve como sete peles de carneiro eram necessárias para um manto no passado. Com a melhoria das condições de vida, já é comum fazer mantos com oito ou nove peças de pele de carneiro; dois pedaços de pele de carneiro são usados nas mangas e na parte externa do manto; cada parte da lapela externa, lapela interna, costas e parte interna do manto leva um grande pedaço de pele de carneiro; a borda da gola é geralmente decorada com pele de cordeiro. Quando o couro não é suficiente para a parte dos ombros na confecção do manto, são necessárias duas peças de peles complementares, chamadas de remendos de ombro. A parte superior do corpo do manto será costurada com tiras de pele de veado aquático para fornecer proteção e decoração, o que em tibetano é chamado "Shesen".

Em termos do tipo de couro usado para fazer o manto, as famílias ricas do passado escolhiam pele de carneiro pura, enquanto as famílias mais pobres usavam uma colcha de retalhos de Dzoskin de bezerro, pele de iaque de bezerro, pele de carneiro, pele de cabra e outros tipos de couro juntos, fazendo o manto de couro variegado (ལྷ་ཁྲ་ stsa khra). Se for necessário fazer um manto novo para o Ano Novo, enquanto as condições da família não puderem pagar, as pessoas apenas trocarão a gola e os punhos do manto antigo por novos, ao mesmo tempo, costurarão remendos na área danificada com couro novo, da mesma forma que costura uma barraca preta.

Nos tempos antigos, os ancestrais tibetanos usavam vários produtos de couro, como bolsas, algibeiras, cartucheiras, barcos, malas, botas, cordas e etc. Há uma longa história do processamento do couro. De acordo com pesquisas relevantes sobre relíquias culturais, roupas de pele de animal costuradas com agulhas de osso foram encontradas no sítio cultural Karuo há 4.300-5.300 anos; Está registrado no livro 'Novo Livro de Tang-Tibete Vol 216', "(Songtsen Gampo) fez uma revolução no vestuário que aboliu as roupas tradicionais de lã



ou couro, e passou a usar roupas feitas de seda e cetim, que eram populares na China central naquela época. Ou "para comemorar o excelente serviço militar e a bravura dos soldados tibetanos falecidos, a construção perto de seus túmulos será pintada com pele de tigre branca." Gendün Chöpel também mencionou no livro 'Grãos de Ouro - Contos de um Viajante Cosmopolita' que antes de Namri Songtsen se tornar rei, havia pouco comércio entre o Tibete e o mundo exterior, e as habilidades têxteis desenvolveram-se lentamente, com a maioria das pessoas vestindo vestes de couro. O livro 'Testamento do Pilar' também descreve a história de como os iaques selvagens foram domesticados e se tornaram animais domésticos. É fácil perceber pelo exposto que os ancestrais tibetanos começaram a domesticar o iaque selvagem muito cedo e usaram seus couros para fazer uma variedade de necessidades diárias, a fim de melhorar suas condições de vida. Além disso, o provérbio "O cabelo preto depende dos iaques pretos e os iaques pretos dependem dos pastos verdes" também reflete a coexistência harmoniosa entre o homem e a natureza. A história a seguir também ilustra o desenvolvimento

significativo das técnicas de curtimento de couro naquela época: Thangtong Gyalpo não tinha dinheiro para pagar a taxa da balsa para um barco de couro, sendo repreendido e empurrado para o rio pelo barqueiro, Thangtong Gyalpo então fez uma promessa de reparar e construir uma ponte.

As vestes de couro não apenas forneciam calor adequado ao clima do planalto, mas o processamento do couro por trás do manto de couro tem uma longa história que incorpora a sabedoria do povo das terras altas.



MECHA:

ATACANTE DE FOGO TIBETANO



- | | | | |
|-----------------|---------------------------------------|------------------|---------------------|
| 1 Alça de couro | 2 Fivela em forma de sol (cilíndrica) | 3 Cinto de couro | 4 Bolsa |
| 5 Borda/ Debrum | 6 Atacante de Aço | 7 Pedernal | 8 Isca de artemísia |



Um atacante de fogo tibetano é um tipo de acessório masculino usado no quadril que evoluiu a partir da ferramenta para fazer fogo. É composto por alça de couro, fivela em forma de sol (cilíndrica), cinto de couro, bolsa, incrustação e borda, faca de fogo/precursor de aço, pedernal e material inflamável de artemísia.

O atacante de aço (faca de fogo) é uma das ferramentas mais importantes para fazer fogo.

Nem todo ferro é adequado para fabricar um precursor de aço (faca de fogo), só o precursor de aço feito de aço magnético de alta qualidade pode produzir faísca.

A bolsa é fixada na parte superior do precursor de aço para conter (guardar) a pedernal e a isca de artemísia necessárias para fazer fogo. No início, a bolsa era feita principalmente de couro de iaque sem adornos, mas hoje em dia é comumente incrustada com pedras preciosas como turquesa e coral. Existe até uma tendência de usar prata nas orlas.

A alça, feita de cordão de couro, pode ser pendurada em ambos os lados da cintura, na direção oposta ao cinto de couro.

O cinto de couro é usado para proteger o atacante. Ao usar o atacante para fazer fogo, o cinto de couro deve ser desatado da cintura e, em seguida, estendido com uma fivela em forma de sol, resolvendo o problema do cabo de couro ser muito curto para operar convenientemente.

A função da fivela em formato de sol é ajustar o comprimento da alça de couro, que geralmente é feita de cordão de couro ou chifre.

O pedernal é um tipo de pedra vermelha e branca retirada de altas montanhas ou locais rochosos, também conhecida como chakar (ཇ་དྭགས cha dkar), não pode ser substituída por seixos brancos.

A artemísia (veludo moxa) é o principal material para iniciar o fogo. Como diz um provérbio: “Pode haver fogo entre o aço e o pedernal, mas sem material inflamável o fogo não pode ser acendido”. Normalmente, após a colheita da artemísia no Outono, ocorre a secagem em esteiras e ela é batida com finas varas de madeira. A penugem é então separada da impureza (palha) para uso no início do fogo. Além disso, as pontas da artemísia também podem ser cortadas, secas e esmagadas até formar uma isca fina. Geralmente, o material inflamável feito de artemísia curta cultivada em gramados pode ser usado diretamente para iniciar o fogo. Já o material inflamável de artemísia cultivada em encostas ensolaradas





requer processamento adicional - precisa ser misturado com as cinzas dos caules queimados de anisodus tanguticus e ruibarbo que não são secos até o inverno, ou fervidos com salitre. Como resultado, muitos materiais inflamáveis de artemísia usados para iniciar o fogo parecem pretos.

Ao incendiar um fogo, as pessoas seguram o pedernal coberto com isca de artemísia na mão esquerda e o precursor de aço (faca de fogo) na mão direita, esfregando-os para produzir faíscas para acender a isca. Uma vez acesa, a isca acesa entraria em contacto com materiais combustíveis, como esterco seco de vaca, casca de cipreste e esterco seco de cavalo, etc.. Ao soprar repetidamente sobre ele, uma chama aberta é eventualmente produzida. Conseqüentemente, nos antigos costumes, os homens muitas vezes carregavam casca de cipreste e esterco seco de vaca quando estavam fora de casa.

No passado, o Atacante de fogo era uma ferramenta indispensável para fazer fogo na produção e na vida. Por exemplo, era usado para acender o pavio durante a caça com um mosquete tibetano. Em todas as famílias, era comum os homens carregarem um Atacante de fogo quando se aventuravam para comércio, caça, ataques e outras atividades. Portanto, o Atacante de fogo tornou-se um item essencial para os homens, embora raramente carregado (usado) pelas mulheres.

Há uma série de metáforas sobre o Atacante de fogo, como "as faíscas do Atacante de fogo são como estrelas; a silhueta (chifre) da artemísia é como polegares; o pedernal é branco como sebo de carneiro", entre as quais, "eu sou um burro que pode ser conduzido para qualquer lugar, enquanto você é um Atacante de fogo que pode ser colocado em qualquer lugar", descrevendo vividamente os diferentes destinos das pessoas. Além disso, existem vários enigmas, como "um pedaço de pedernal redondo, um pedaço de aço duro e um pedaço de material inflamável de artemísia - tendo todos os três, uma refeição pode ser feita." "Caminhando pela estrada pavimentada com ferro e pedernal, flores desabrocham ao longo do caminho." "O ferro semelhante a um filho envolto em couro busca a verdade no pedernal redondo" e "um corpo achatado feito de pele de elefante; cascos redondos feitos de ferro duro; órgãos internos e vísceras feitos de grama; reunidos por dez pessoas, então surge o fogo" entre outros.

À medida que as condições de vida melhoraram, embora o Atacante de fogo raramente seja usado para acender fogo hoje em dia, a maioria dos homens ainda o usa como acessório.

Eles decoram a bolsa com ouro, prata e pedras preciosas, fazem a alça em couro vermelho e substituem o cinto de couro original por um cinto prateado. Graças ao requintado trabalho artesanal dos artesãos em talha e gravura, o Atacante de Fogo tornou-se um acessório indispensável para o traje formal. Embora possa ser usado em ambos os lados, é mais comumente pendurado no quadril direito.

Originário de uma ferramenta utilitária portátil e combustível, o atacante de fogo evoluiu para um ornamento. Não só é ricamente adornado com ouro, prata, turquesa e coral, mas também incorpora a sabedoria do povo tibetano – um item artesanal especial rico em profundo valor cultural e estético.



BOTA TRICOLOR



- | | | | | |
|---------------------|--------------------|-----------------------|-----------------------------------|-------------------------------|
| 1 Colarinho de bota | 2 Forro / Palmilha | 3 Cano superior | 4 Correia (tira) dentária externa | 5 Cano Inferior |
| 6 Contraforte | 7 Língua | 8 Estofamento da sola | 9 Costura frontal da sela | 10 Faixa de decoração frontal |
| 11 Biqueira | 12 Sola | 13 Cadarços de bota | | |

As “botas tricolores” são botas tibetanas tradicionais, frequentemente usadas pelos homens na área pastoral de Drango quando se vestem para ocasiões formais no inverno. É composto por alça de bota (colar), forro (palmilha), cano superior, tira dentária externa, cano inferior, contraforte, contraforte feltro, costura frontal da sela (costura frontal do selim), faixa decorativa frontal, faixa frontal de feltro, biqueira, sola e cadarços de bota.

As botas tricolores são confeccionadas principalmente em couro de iaque, com o contraforte e cano superior em preto e o cano inferior em couro vermelho. A biqueira ligeiramente virada para cima fica ao redor do contraforte. As alças para calçar as botas ou a colar (gola) para amarrar os cadarços das botas são feitas de pele de veado aquático. A parte interna da bota é feita de feltro branco chamado forro ou palmilha, Nangma ou Lanye Nangma (ནང་མའམ་ལྷན་ཡུ་ནང་མ། nang ma'am lham yu nang ma) em tibetano.

A parte aberta acima da biqueira é chamada de costura da sela frontal. Abaixo dele há um feltro costurado com uma parte superior larga e uma parte inferior estreita chamada faixa frontal de feltro. Entre as costuras da sela frontal, linhas de arco-íris são costuradas com fio de seda. Na parte de trás do cano superior, há uma tira dentária externa feita de couro vermelho e que faz lembrar dentes de tigre. O feltro colocado no contraforte é denominado ‘contraforte feltro’. As solas das botas são de couro grosso e levemente duro.

As ferramentas usadas para costurar as botas incluem a faca de agulha, que é feita afiando a ponta de uma agulha longa e grossa, uma agulha de ponta dupla e a linha de costura torcida em um tendão de couro.

Quando se costuram as botas, a primeira coisa a fazer é fazer a faixa frontal em feltro e a faixa decorativa frontal, e depois costurar o contraforte no colar (gola) uma a uma. Em sequência, costura-se a parte interna e, por fim, a “costura de dentro para fora”, onde as camadas interna e externa são viradas do avesso e costuradas. Só após a conclusão dos passos supracitados é que a sola das botas é fixada.

Na fixação das solas, o couro não é perfurado diretamente, mas sim uma parte dele é dobrada para trás para garantir que o outro lado não deixe buracos nos pontos, e essa técnica de costura é conhecida em tibetano como sha dok jé (ཤ་དོགས་བྱེད།). Após a costura, um chifre ou uma ferramenta chamada o gyo (མྱོ་ལྷོ། o gyo), um prensador de costura é usado para suavizar e arrumar as costuras.



Nos primeiros dois dias após a confecção das botas, são colocadas macas dentro das botas para as ajudar a manter a forma durante a secagem.

As macas de botas podem ser divididas em macas de dedo do pé e de calcanhar, bem como macas de abertura. Geralmente, uma pequena quantidade de vincos é permitida na biqueira e no salto da bota, porém, se houver vincos na gáspea da bota, será considerado uma técnica de corte inadequada. Como diz o provérbio: "As laterais das botas devem estar tão esticadas quanto uma corda". As botas feitas de couro parcialmente curtido são mais rígidas e muito duráveis para evitar o desgaste por muito tempo, enquanto a parte superior exige couro mais macio e totalmente curtido.

Quando as solas das botas estão desgastadas, existem dois métodos comuns de conserto: um é consertá-las com um fino cordão; e o outro é remendar com um pedaço redondo de couro, conhecido como remendo de couro trançado.

A biqueira ligeiramente arrebitada é frequentemente comparada às tetas de uma égua, embora essa curvatura seja mais decorativa ou tradicional do que funcional. Uma lenda afirma: "A biqueira de uma bota lembra o nariz do dono, a outra, do fabricante de botas(sapateiro)". Diz-se também que "Quando as botas estavam molhadas, era comum usar uma faca para fazer desenhos nos lados esquerdo e direito da biqueira. Mesmo depois de secas, o desenho não desaparecia, servindo de decoração."

As botas femininas são geralmente feitas de pele de veado aquático na parte superior e no colar (gola), com costuras frontais menores do que as botas masculinas e sem diferenças nas demais partes.

Os cadarços das botas são divididos em cadarços planos cinza e cadarços arco-íris para adultos, e os cadarços das botas usados por crianças são conhecidos como tsapu (རྩམ་ཕུ rtsab phu), que é feito de veludo e lã (pêlo) de pequenos animais domésticos. Dessas, a mais bonita e popular é o cadarço da bota arco-íris, feito de lã tecida.

Depois que a lã foi lavada, cardada, fiada, torcida em um novelo de lã e amarrada no meio, tingida na cor apropriada de acordo com a demanda (necessidade), seca e enrolada em um tear, a tecelagem dos cadarços das botas pode começar. Os nômades (pastores) geralmente fincam uma estaca no chão, amarram uma ponta na estaca e a outra na cintura - um método conhecido pelos nômades como tecelagem de cintura. Os atacadores das botas(cadarços) feitos desta forma são finos e bonitos e têm franjas em ambos os lados. Embora os agricultores não usem o método de tecelagem de cintura, estes mesmos os tecem em um tear de lançadeira. À noite, antes de dormir, colocavam os cadarços das botas dentro das botas, suscitando a charada: "Enquanto o intestino de todas as pessoas está dentro do corpo, esses dois irmãos fecham a boca com o intestino, só à noite os intestinos são levados de volta para seus corpos."



Hoje em dia, as botas tricolores são usadas no verão e no inverno para ocasiões formais, enquanto historicamente (no passado) eram usadas apenas no inverno. À medida que os cucos começam a cantar na primavera, menos pessoas usam botas, e as pessoas dizem, brincando: “Suas botas já estão perdidas a esta altura?” Há maior tendência de usar botas finas ou andar descalço no verão.

Se as botas ficassem molhadas, as pessoas esfregavam um pouco de manteiga de iaque nelas e as colocavam para secar ao sol. Usar botas molhadas corre o risco de os pés escorregarem para dentro e romperem as costuras da sola. No entanto, a secagem excessiva fará com que fiquem rígidos, por isso devem ser guardadas depois de secas. Não há distinção entre direita ou esquerda quanto às botas Drango, como as de outras partes do Tibete, mas para as tornar mais duráveis e evitar que se deformem, os sapatos esquerdo e direito são usados alternadamente.

Além disso, existem outros estilos de botas tibetanas nesta área, como as botas triplo-pretas feitas de couro vermelho para cano superior e inferior; as botas de couro feitas de bolsas de couro reaproveitadas; e as botas de bezerro dzo usadas pelas crianças. Enquanto parte do contraforte das botas é de couro, o resto da parte superior das botas é costurada com veludo cotelê, que parece pretas e vermelhas ordenadas botas de pano.

As botas tibetanas tricolores Drango não apenas incorporam um artesanato e uma estética únicos, mas também são uma parte indispensável e valiosa do traje masculino nômade, adaptado aos ambientes de vida adversos.

**CHAPÉU
DE PELE
DE RAPOSA**





- | | | | | | |
|----------------------------------|-------------------------------------|---------------------------------------|---------------------------|-----------------------------|------------------|
| 1 Ilhó da Coroa / Olho de chapéu | 2 Coroa de chapéu / Corpo de chapéu | 3 Faixa de chapéu | 4 Faixas de borda interna | 5 Guarnição de fita | 6 Abas de orelha |
| 7 Fenda do chapéu | 8 Extremidade de pêlo | 9 Preenchimento de bordas canalizadas | 10 Tubulação média | 11 Tubulação de dobra única | |

O chapéu feito de pele de raposa é um acessório de Inverno comum para homens e mulheres na região pastoral de Drango. Feito de pele de raposa, é composto por vários componentes: o ilhó do chapéu, a coroa do chapéu, a faixa do chapéu, as faixas de borda interna, a guarnição de fita, as abas de orelha, a fenda do chapéu e pele de raposa.

No passado, os nômades(pastores) normalmente costumavam caçar raposas no Outono e no Inverno. Eles enchiam toda a pele cilíndrica da raposa com grama para a sustentar e depois a deixavam secar antes de a enterrar em solo úmido. Em seguida, usavam pedras lisas e esterco de vaca seco para remover quaisquer restos de carne da pele.

Depois disso, uma mistura de massa cerebral em decomposição e resíduo de manteiga derretida foi aplicada e esfregada uniformemente na pele. Durante esse processo de fricção, a força excessiva, como o curtimento de couro de vaca, teve que ser evitada. Em vez disso, foi empregado um movimento suave de amassamento usando apenas as pontas dos dedos, uma ação chamada "tepye" (མཐེབ་མཉེན། mtheb mnyed). Dizia-se que o uso de matéria cerebral em decomposição produzia couro flexível, evitando a perda excessiva de pele. Se a pele bronzeada ainda tivesse pele emaranhada ou resíduos de mistura de cérebro, ela seria limpa por imersão numa solução azul suave, depois sacudida e pendurada em cordas do lado de fora da tenda preta para secar ao ar.

As peles preparadas foram transformadas em chapéus de pele raposa e outras peças de vestuário apreciadas pelo seu isolamento e resistência à água nos ambientes frios. Métodos meticulosos de curtimento tradicional como esses garantiam a durabilidade e a qualidade da pele.

A pele das raposas fêmeas é considerada mais bonita do que a dos machos, isso se deve ao fato das raposas normalmente se deitarem do lado esquerdo quando dormem, sendo a pele deste lado conhecido como Nyel Wa (ཉལ་ཡ། nyal wa). Além disso, sabe-se que as raposas fêmeas andam com o lado esquerdo junto às árvores/bosques. Por isso, as pontas de pele do lado direito do corpo da raposa são consideradas as mais finas e de alta qualidade.



Uma única pele de raposa pode ser transformada em dois chapéus. Durante o processo de confecção, a pele é cortada ao meio no meio das costas. A pele avermelhada das costas da raposa é então costurada no centro da aba frontal, enquanto a pele manchada do abdômen, axilas e outras áreas é costurada na parte interna do chapéu. A pele de raposa vem em uma variedade de cores, incluindo vermelho, branco acinzentado, branco e preto. Entre esses, a pele de raposa vermelha é considerada a mais fina. Algumas pessoas comparam sua pele a chamas ou sangue. Depois de costurados os chapéus, as pessoas costumam costurar o nariz da raposa nas borlas dos casacos de pele, pois o nariz da raposa é considerado um símbolo de prosperidade e boa sorte. Também pode ser pendurado nos pilares de uma tenda preta. Além disso, as caudas de raposa podem ser transformadas em lenços infantis.

No passado, o chapéu geralmente tinha um enfeite na parte superior - nó trançado que é colocado bem no topo do ilhó do chapéu feito de pele de raposa, porém, esses chapéus estão quase extintos. O ilhó é construído empilhando tiras de tecido vermelho, verde e amarelo e tecido de lã e normalmente tem de três a sete camadas. A coroa do chapéu é confeccionada em tecido e lã, dimensionada de acordo com a circunferência da cabeça do usuário. Hoje em dia, o brocado é frequentemente usado. A faixa do chapéu é feita de uma tira de tecido de lã vermelha com meio pé de comprimento. O forro interno e a faixa do chapéu são montados juntos para que a aba fique esticada e forte. Dependendo das condições familiares, a aba é adornada com uma a três guarnições de brocado. A fenda do chapéu era tradicionalmente um triângulo alto e estreito, criado empilhando tecido de lã em ambos os lados e costurado na técnica de ponto rolante. Hoje em dia, a fenda do chapéu costuma ser baixa e larga. O estilo da fenda do chapéu afeta o ajuste geral e a estética do chapéu de pele de raposa. Anteriormente, as abas da orelha eram curtas e voltadas para dentro, enquanto agora geralmente estão voltadas para fora. A faixa interna é usada principalmente para costurar a pele de raposa na aba do chapéu. As vestes tibetanas com forro interno também são comumente costuradas com tiras internas.

No Inverno, tanto homens quanto mulheres usavam formalmente ou casualmente chapéus de pele de raposa, porém é considerado um comportamento arrogante se os chapéus forem usados inclinados para o lado. Para ocasiões formais, os homens usavam peles de raposa com a cabeça e os membros removidos em um cilindro completo, chamado de "faixa de pele de raposa" (ཨ་རོ་འམ་ཨ་སྐོར། wa ro'am wa kor). As duas peles das patas traseiras ficam penduradas nas têmporas, enquanto a pele da cauda fica pendurada na parte de trás da cabeça. Hoje em dia, as abas dos chapéus de pele de raposa estão espalhadas, porém, há um ditado "Embora brilhante, o chapéu de pele de raposa não é tão quente quanto o chapéu Bog Le" - sendo o Bog Le um tipo de chapéu sem aba virada para cima. As mulheres também usavam chapéus de pele de carneiro, chapéus de pele de lince e chapéus de pele de gato-montês (gato selvagem), diferenciados pela pele do animal utilizado, mas com a mesma alfaiataria.



Antigamente, devido às limitações dos ambientes de vida e das técnicas de tecelagem, os chapéus de pele prevaleciam nas regiões tibetanas. Mais tarde, à medida que as tecnologias de produção avançaram e aumentaram as trocas comerciais, surgiram vários tecidos produzidos localmente ou importados de outras localidades, como feltros, tecidos de lã, algodão e seda, que poderiam ser usados para fazer diferentes tipos de chapéus. Com a crescente consciência ambiental, as pessoas agora usam pele de cordeiro artificial para substituir a pele dos animais.

Os registros históricos tibetanos mostram que durante o período do Império Tibetano, os códigos legais estipulavam: "Se os bravos guerreiros não forem recompensados com mantos de pele de tigre, as pessoas não terão motivação para se tornarem heróis. Se os virtuosos não receberem a devida honra, as pessoas não serão capazes de distinguir os sábios dos tolos no futuro. Se as boas ações não forem recompensadas, quem ainda se esforçará para ser uma boa pessoa? Se os covardes não forem humilhados com caudas de raposa, como os heróis podem ser distinguidos dos covardes?" Embora o chapéu de pele de raposa tenha surgido devido à origem legal, o calor e a durabilidade superiores do chapéu de pele de raposa o tornaram adequado ao clima rigoroso da área Tibetana e ao estilo de vida pastoral nômade.

Existem várias canções folclóricas circulando sobre chapéus de pele de raposa, incluindo: "Você veio do vale, eu reconheci seu chapéu de pele de raposa; embora outros também tenham chapéus de pele de raposa, o seu fica melhor quando o vento sopra." "Que o Tulku Walung abençoe seu chapéu de pele de raposa, que o ferreiro mongol abençoe sua arma; e que Nor Lha - divindade guardiã da guerra abençoe os homens, com essas três bênçãos você pode prosseguir." "Use o chapéu de pele de raposa enquanto faz fogo, mas cuidado com as pontas de pele pegando fogo; escalar picos de montanhas com botas de estilo mongol, observar seus passos

em rochas afiadas com botas de arco-íris." "Um jovem imprudente tem três pensamentos vãos: um, admirar as belas cores do chapéu de raposa; dois, sonhar com um rifle longo; três, fantasiar por muitas balas - essas são as três fantasias vãs de um jovem." "Minha querida amada, eu nunca confundiria você com as outras; pois o chapéu de pele de raposa em sua cabeça tem três camadas de nós auspiciosos bordados." "Não gosto dos passos de um fraco cavalo, mais pesados que pedra; Não gosto de um chapéu feito de pele de raposa prateada; Não gosto de uma moça de rosto moreno como companheira." Existem mais enigmas sobre chapéus de pele de raposa e estranheza: "Por que é estranho uma pessoa com trança andar a cavalo? Montar não é estranho, mas a longa trança assusta o cavalo. Por que é estranho usar um chapéu de pele de raposa perto do fogo? Fazer fogo não é estranho, mas o chapéu pode pegar fogo. Por que é estranho um homem de bigode beber iogurte? Beber iogurte não é estranho, mas lambê-lo é estranho."

Em resumo, o chapéu de pele de raposa era um chapéu de inverno feito à mão por nômades, adequado ao clima frio rigoroso e imprevisível da região. O que carrega ricas conotações culturais e um legado histórico duradouro (longas origens históricas).



CAPA DE FELTRO



1 Capa de ombro

2 Colarinho

3 Nó Auspicioso

4 Carcela de feltro

5 Bordas

6 Parte externa

7 Parte interna

8 Bainha de feltro

A capa de feltro é uma espécie de capa de chuva impermeável feita de feltro, um tecido sem urdidura ou trama e é produzida a partir do enrolamento da lã. É composta por capuz, capa de ombro, colarinho, nó auspicioso, carcela de feltro, bordas, parte externa, parte interna e bainha de feltro.

Geralmente a extremidade superior da capa de feltro é mais espessa e afina gradualmente à medida que se estende até a bainha de feltro.

A parte superior é prensada com três camadas de tiras de lã, sendo duas camadas no centro e uma camada para a barra da saia. Esse design reduz o peso sobre os ombros quando a capa fica molhada.

As bainhas das bordas da gola são tecidas em azul e preto.

O peito é fechado com botão de carcela de chifre.

Forrar a almofada de feltro com um pedaço de pano vermelho aperfeiçoa a estética.

Dependendo da condição da família, os artesãos experientes e habilidosos costurarão um nó auspicioso no topo da capa de feltro, enquanto as famílias menos favorecidas geralmente não têm esse nó ou a capa de borda.

Para a confecção do feltro, as pessoas locais consideram o yene (ཡེ་ནུ། you nu), a lã dos cordeiros do Outono, o material mais adequado. Primeiramente, a lã da ovelha é penteada uniformemente para fazer tiras de lã, depois três ou quatro tiras de feltro são unidas para serem espalhadas em um prado plano e fixadas em cada canto para prendê-las. Em seguida, água morna com sabão é borrifada sobre as tiras de lã cardada. Quando chove no processo de enrolar o feltro, as pessoas dizem: 'Os afortunados sentiram água caindo do céu'. Isso é considerado um presságio auspicioso. A seguir, as tiras de lã cardada e a manta feltrada são amarradas em um rolo e enroladas. Durante a rolagem, as pessoas cantam várias canções até que a forma do feltro seja formada.





Um feltro bem feito é fino e denso, bem como suficiente para proteger do vento e da chuva, tornando-o um material ideal para a capa. Quando não há yene suficiente, as pessoas usam cerca de dois quilos de yene misturados com um quilo de outros tipos de lã, porém, o efeito impermeável da capa feltrada feita com esses materiais misturados não é tão bom quanto aqueles que usam apenas yene. A cor da capa de feltro feita em yene fica brilhante e branca depois de lavada, por isso é chamada de espelho de feltro branco.

Rolar feltro não é uma habilidade que toda família domina, a aldeia geralmente contrata um bom fabricante de feltro para fazê-lo. Se o feltro não for denso e de espessura irregular, as pessoas vão virar o feltro em direção ao céu para identificar a parte mais fina por onde a luz passa, para então marcá-la com carvão e depois adicionar tiras de lã para uniformizar a espessura.

De acordo com a idade e o sexo, a capa de feltro pode ser classificada em: capa de feltro masculina, capa de feltro feminina, capa de feltro infantil, etc.. Em termos das finalidades (contextos de utilização), a capa é classificada em capa pastoral e capa de equitação - a primeira para passear no pastoreio dos animais, a segunda para andar a cavalo ao ar livre. A capa de equitação é geralmente maior que a capa pastoral e pode cobrir a sela, o xairel, o cavaleiro, a arma(pistola), o porta-arma e assim por diante, portanto, geralmente requerem de seis a sete cates (três a três e meio quilos) de matéria-prima de lã; já a capa pastoral cobre principalmente a parte superior do corpo, requerendo apenas cerca de quatro cates (dois quilos) de lã. Esses dois tipos de capas são quase iguais em materiais e técnicas, apenas diferem no tamanho.

Todos os tipos de roupas, sejam capas de feltro ou mantos tibetanos, quando presas atrás da sela, devem ter a lapela voltada para o lado esquerdo do cavalo; o sentido oposto é a forma de se vestir de falecido, que para além de ser considerada desfavorável, pode prender os pés ao montar no cavalo.

No passado, os cavalos eram o principal meio de transporte. Quando os homens andavam a cavalo, geralmente estavam equipados com selas, freios e carregavam armas. Ao passar a noite na natureza, a capa de montaria usada lembra um pavão abrindo o rabo, de forma a cobrir o corpo, a sela, a bolsa da pessoa, etc.. Em caso de emergências, como ataque inimigo, a lapela da capa de montaria pode ser rapidamente jogada para fora com a mão direita, criando boas oportunidades para escapar e contra-atacar.

Nas pastagens de Verão, as mulheres usavam um tipo de capa de feltro chamada gom (འགོམ། 'gom) enquanto ordenhavam ou pastoreavam na chuva, com um estilo completamente diferente das capas masculinas de montaria e pastoreio. O gom é menor e pode ser colocado diretamente na cabeça, semelhante a uma capa de chuva moderna. Normalmente, ao usar gom, a parte externa e a interna da capa não se sobrepõem, facilitando o estiramento das mãos durante o trabalho. Existem vários tipos de botões de carcela na parte do peito, como fio de lã, chifre e nó vazado. A bainha do gom cai até os joelhos e, por isso, protege da chuva e do frio.

Quando o gom é colocado, não sendo cingido com cinto ou mangas, mas simplesmente colocado sobre os ombros (གཡང་ཤམ། gyang sham), pode parecer fácil escorregar ao trabalhar com os braços estendidos, mas o gom tem um capuz na cabeça, por isso geralmente não cai. A linha de costura vertical no centro da parte superior do capuz do gom é costurada com o corpo da capa inteiro, pois o capuz não utiliza outros materiais. Por experiência própria, quando o gom é usado na chuva, as costuras do chapéu se abrem facilmente, então uma camada extra de tecido fino e duro é costurada na parte externa do chapéu. O gom molhado geralmente é pendurado para secar em uma corda preta ou em um cabide de madeira na barraca. Por serem usados normalmente apenas na época das chuvas, a vida útil é muito longa e, mesmo quando desgastados, podem ser usados para cobrir baldes de leite para fermentação de iogurte.



As capas de feltro são muito úteis na vida dos nômades (pastores), conhecidas por serem duráveis e resistentes — não podem ser cortadas por facas, nem perfuradas por lanças. No passado, quando os nômades pastoreavam, muitas vezes usavam capa pastoral, seguravam estilingue, usavam chapéu de feltro e cantavam canções de pastoreio como "A Música Trêmula de Sershul", 'O Ahjong Adormecido', 'Nó Mongol' e ' O Canto Soprano de Gyade".

Existem alguns provérbios sobre capas de feltro, como 'Um homem deve se concentrar para contemplar, um feltro branco deve ser esticado para ser marcado'. 'Não vire um feltro branco para o céu, não estenda uma tenda preta no chão', e 'Mesmo a menor pedra pode construir uma montanha, até a mais fina lã pode fazer feltro', etc..

A capa de feltro é a cristalização da sabedoria dos nômades, não só tem a função prática de proteger do frio e fornecer calor, mas também é sólida como uma armadura. Incorpora o carácter heróico dos homens e a graça gentil das mulheres na área pastoral.



CHAPÉU DE EXPOSIÇÃO



1 Topo do
Chapéu

2 Ilhó

3 Corpo de
Chapéu

4 Aba do
Chapéu

5 Bainha

6 Forro (interno)
do Chapéu

7 Fita de
Chapéu

O chapéu de exposição é um chapéu tradicional de verão, usado pelas mulheres da área pastoral de Drango. O nome refere-se a sua característica mais distinta: uma aba larga e plana que se estende para os lados. Compreende o ornamento superior da coroa, o ilhó, a própria coroa, a aba, a borda, o forro interno, a tira do queixo e outros componentes.

Construído a partir de tiras de tecido em um nó trançado, o enfeite da coroa superior também serve ao propósito prático de portabilidade. Os locais geralmente acreditam que um nó oco feito de tiras planas de tecido é esteticamente mais bonito. De acordo com o léxico tibetano, o ornamento superior da coroa é considerado um símbolo de poder e status. Segundo os anciãos locais: "o chapéu deve ter topo, caso contrário não haverá sorte e auspiciosidade". Ainda há um ditado popular: "Um grupo de dragões não deve ficar sem líder, e um chapéu deve ter um topo." "Quando o universo foi inicialmente formado, havia vento nas quatro direções. No topo do vento estava o oceano, no topo do oceano estava a terra, no topo da terra estava a montanha, no topo da montanha estava um cavalo, acima do cavalo estava uma sela, acima da sela estava uma pessoa e acima da pessoa, um chapéu, acima do chapéu, um topo." Existem narrativas semelhantes em enigmas tibetanos. Segundo a lenda popular tibetana, "a parte superior do chapéu é o lugar por onde a consciência sai do corpo após a morte". No passado, no Tibete, o topo do chapéu sempre foi considerado parte integrante do chapéu.

O ilhó do chapéu está localizado na coroa do chapéu e abaixo do enfeite superior. É tradicionalmente confeccionado com sete camadas de tecido de lã colorido, circulares ou quadrados de cores diferentes, empilhadas e costuradas. "Sete" é um número auspicioso, representando as sete riquezas espirituais, as Sete Riquezas de um Santo Budista, os Sete Ramos de Oferendas, os Sete Tesouros Reais e outros significados simbólicos. Hoje



em dia também é comum haver três ou quatro camadas de tecido de lã e diferentes combinações de cores para o ilhó.

A coroa do chapéu, feita de tecido grosso, é ajustada à circunferência da cabeça de quem o utiliza. O forro interno é principalmente de tecido branco e as bordas são de tecido preto ou vermelho. É estreito por dentro e largo por fora.

A fita do chapéu serve para fixar o chapéu e evitar que voe quando o vento sopra ou ao andar a cavalo. Na presença de um mestre espiritual, pode-se puxar a tira do queixo para pendurar o chapéu na nuca, facilitando a saudação, o que é conveniente.

O chapéu é feito de feltro, usando caxemira dzo ou lã derivada de ovelha de um ano. A caxemira dzo também é conhecida como Wa Tul (བ་ཐུལ། ba thul/), enquanto a lã de ovelha de um ano é chamada de Yene (ཡེ་ནུ། yu nu). Yene refere-se à primeira tosquia no outono, do cordeiro nascido na primavera. Todos esses materiais contribuem para a confecção do chapéu.

Esses dois tipos de lã são usados para fazer feltro e o processo é muito semelhante. Após a classificação e seleção, as fibras são dispostas uniformemente em uma esteira de feltro. Uma solução de feltragem quente, tradicionalmente chamada de Ching Chu (ཕྱིང་ཅུ། phying chu/) é borrifada nas fibras usando um galho de tamargueira. Em seguida, o tapete de feltro é enrolado com um rolo e preso com laços. Por fim, a forma é enrolada e submetida a um processo de laminação. Há um ditado que diz: “entre as pessoas íntimas, o convívio é tão fluente como um tapete de feltro, que se adaptam bem e se toleram mutuamente”. Durante o processo de feltragem, músicas geralmente são cantadas, e recomeçam do início quando cantam até cem vezes, e assim se faz o ciclo. Se necessário, borrifa-se mais água sobre ele e o processo de laminação continua até que o feltro esteja totalmente formado. O feltro é então removido da esteira e enrolado separadamente. O feltro de lã

feito dessa forma é fino, denso, impermeável e resistente à deformação, tornando-o ideal para a confecção de chapéus de exposição.

Para fazer a aba, o feltro é cortado em um círculo, garantindo que corresponda ao tamanho do chapéu de exposição. Um círculo menor é então cortado no centro para permitir que a coroa seja fixada. Por fim, costura-se a coroa e a aba é enrolada em tecido para completar o chapéu de exibição.

O chapéu de exposição é um acessório de verão essencial para as mulheres da área pastoral de Drango. Feito a partir de uma rica seleção de materiais, possui um profundo significado cultural em seus detalhes, incluindo os ilhós e o ornamento superior. Não só é elegante, mas também oferece excelente proteção solar e capacidade de impermeabilização. O chapéu de exposição reflete o charme das mulheres tibetanas através de suas combinações de cores. As jovens são frequentemente atraídas por estilos vibrantes e coloridos, enquanto as de mais idade preferem designs mais simples e modestos.

YEGO





1 Trança de coroa

2 Trança

3 Anel de marfim

4 Grampo de cabelo

5 Tranças (Fios) de extensão

6 Ligação final / Cauda / Encadernação de extremidade

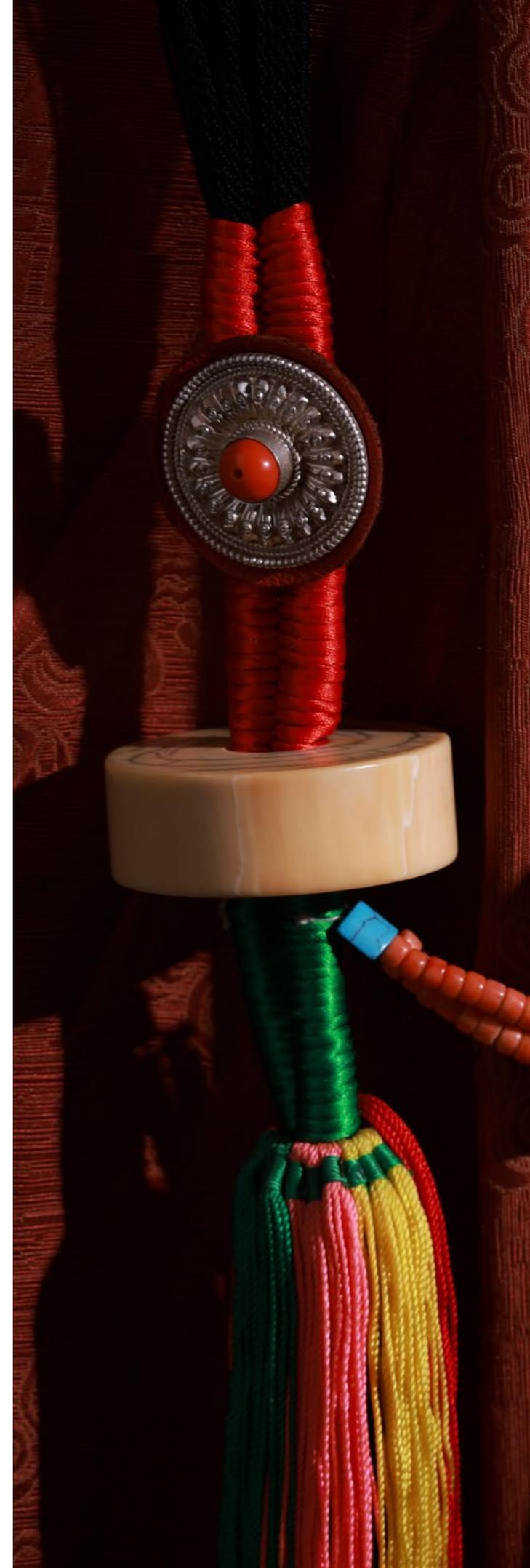
7 Anel de marfim

8 Acessórios (enfeites) para rabo de cabelo

O Yego (གཡུ་མགོ། g.yu mgo) é um penteado trançado tradicional comumente usado por mulheres na área pastoral de Drango. Consiste em tranças de coroa, tranças, tranças ao longo das têmporas, grampo de cabelo, tranças (Fios) de extensão, ligação final/Cauda/ encadernação de extremidade, anéis de marfim, flores prateadas, acessórios para rabo de cabelo.

No passado, as mulheres da região nômade de Drango frequentemente trançavam os cabelos. Primeiro, várias tranças com 3 mechas finas de cabelo eram feitas. Essas tranças são trançadas desde a raiz, com os fios da direita trançados para a direita e os fios da esquerda trançados para a esquerda. Em seguida, um tufo de cabelo da coroa é separado para as tranças da coroa. O número e a espessura das tranças em forma de coroa dependem da quantidade de cabelo. As pontas de cada trança são entrelaçadas com fios de extensão para que o cabelo pareça mais comprido. Esses fios de extensão eram normalmente feitos de lã de iaque e lã de pescoço de ovelha negra, embora a lã de iaque fosse menos preferida devido à sua cor amarelada. Os tibetanos se autodenominavam o “povo de cabelos pretos” devido aos seus cabelos escuros, por isso a lã de ovelha negra combinava perfeitamente com a sua cor natural e era considerada o material ideal para entrelaçar. Hoje em dia, outros fios pretos substituem a lã de iaque e de ovelha.

Todas as tranças são divididas em dois cachos, com fios de seda coloridos enrolados na ponta e pendurados nas costas. Dependendo da situação financeira da família, um ou dois pares de anéis de marfim são presos à encadernação final, decorados com flores de âmbar e prata. As amarrações



finais (caudas) são adornadas com fios trançados coloridos ou outros enfeites de cabelo, estendendo-se até a bainha do vestido. Duas tranças laterais que também podem ser trançadas perto das orelhas, às vezes decoradas com grampos de cabelo de coral e pérolas - se a família pudesse comprá-los. Os grampos de cabelo inicialmente funcionavam para evitar que os cabelos caíssem no rosto, mas depois evoluíram para peças decorativas.

Para ocasiões formais, as mulheres nômades usavam outro penteado tradicional chamado "Dzaga Relwa" (skra kha ral ba). Consistia em tranças, tranças em forma de coroa, uma cobertura para o cabelo nas têmporas, decorações de âmbar e uma cobertura para o cabelo nas costas. Além dos diferentes enfeites de cabelo, a técnica de trança era a mesma do estilo Yego mencionado acima.

Depois que a intrincada trança foi concluída, esse penteado apresentava duas coberturas (capas) de cabelo decoradas em âmbar e turquesa na frente e três atrás. A cobertura para o cabelo nas têmporas tinha três pedras turquesa e três peças de coral embutidas horizontalmente, colocadas nas tranças acima das orelhas e penduradas nos ombros. As tranças traseiras eram divididas em dois cachos com duas capas traseiras corais com turquesa deslizando sobre elas. A trança da coroa era coberta por uma cobertura de cabelo ornamental decorada com ramos de âmbar e coral, dependendo da riqueza da família. O enfeite "coroa de âmbar" era feito com os melhores ramos de âmbar e coral e usado para adornar a trança da coroa. Nas famílias abastadas, grandes ramos de coral do tamanho da mão de uma princesa são usados neste ornamento, embora hoje em dia oito peças de âmbar sejam mais comuns. A larga e longa cobertura das tranças em forma de coroa era ricamente decorada, com um total de três coberturas de cabelo âmbar penduradas.

Criar um penteado tão elaborado para uma mulher levava um tempo considerável, geralmente exigindo duas trançadeiras vizinhas habilidosas trabalhando juntas por meio dia. Durante o processo de trança, para garantir tranças suaves e perfeitas, uma pomada amanteigada era aplicada, chamada "goked" (མགོ་སྐྱད། mgo skud). Feita com pequenos pedaços de manteiga misturados com lã de iaque, era mergulhada em uma pequena tigela



com água e espalhada nas tranças antes de as tecer. Todos conversavam e riam uns com os outros enquanto trançavam os cabelos, cheios de alegria pelo trabalho.

Além de esteticamente agradáveis, esses penteados trançados eram práticos - elegantes, minimizando a queda de cabelo e resistentes à sujeira. Como descreve o ditado local: "As raízes da trança são perfeitas como pontas de agulha, as pontas da trança são bem organizadas como caudas de rato, a trança da coroa é arredondada como o casco de um cavalo." As técnicas de trança e trança em coroa demonstram um senso estético único. No passado, quando os homens locais saíam para fazer comércio, muitas vezes traziam pedras preciosas e outros objetos de valor, por isso o marfim, o âmbar, o coral e outros materiais preciosos tornaram-se adornos de cabelo populares para as mulheres.

Na vida diária e no trabalho, as tranças podem ser simplesmente deixadas penduradas nas costas depois de prender os fios de extensão, ou podem ser adicionadas encadernações de extremidade e anéis de marfim. Para ocasiões formais, as meninas usavam tranças finamente trançadas com enfeites, enquanto as mulheres mais velhas optavam por tranças mais grossas. Se houvesse morte na família, o tempo de abstenção de trançar dependia da proximidade do relacionamento com o falecido, é um sinal tradicional de luto.

Existem muitos provérbios relacionados às tranças, como "Tudo começa do início, como a trança começa do início", "Ao pentear as tranças, comece pela raiz; ao narrar o acontecimento, comece do início" e "A tola trança diariamente; o homem insensato compra cavalos com frequência."

Yego, o tradicional penteado nômade Drango para mulheres, não é apenas uma criação artística derivada de costumes e experiências de vida, mas um espelho que reflete o coração puro e as qualidades delicadas do espírito feminino.



MANTO DE LÃ



① Gola /
Colarinho

② Borda
interna

③ Manga

④ Punho

⑤ Reforço nas
axilas

⑥ Reforço
triangular

⑦ Almofada
de carcela

⑧ Carcela /
Alça

⑨ Parte externa
do manto

⑩ Parte interna
do manto

⑪ Reforço
lateral

⑫ Painel lateral

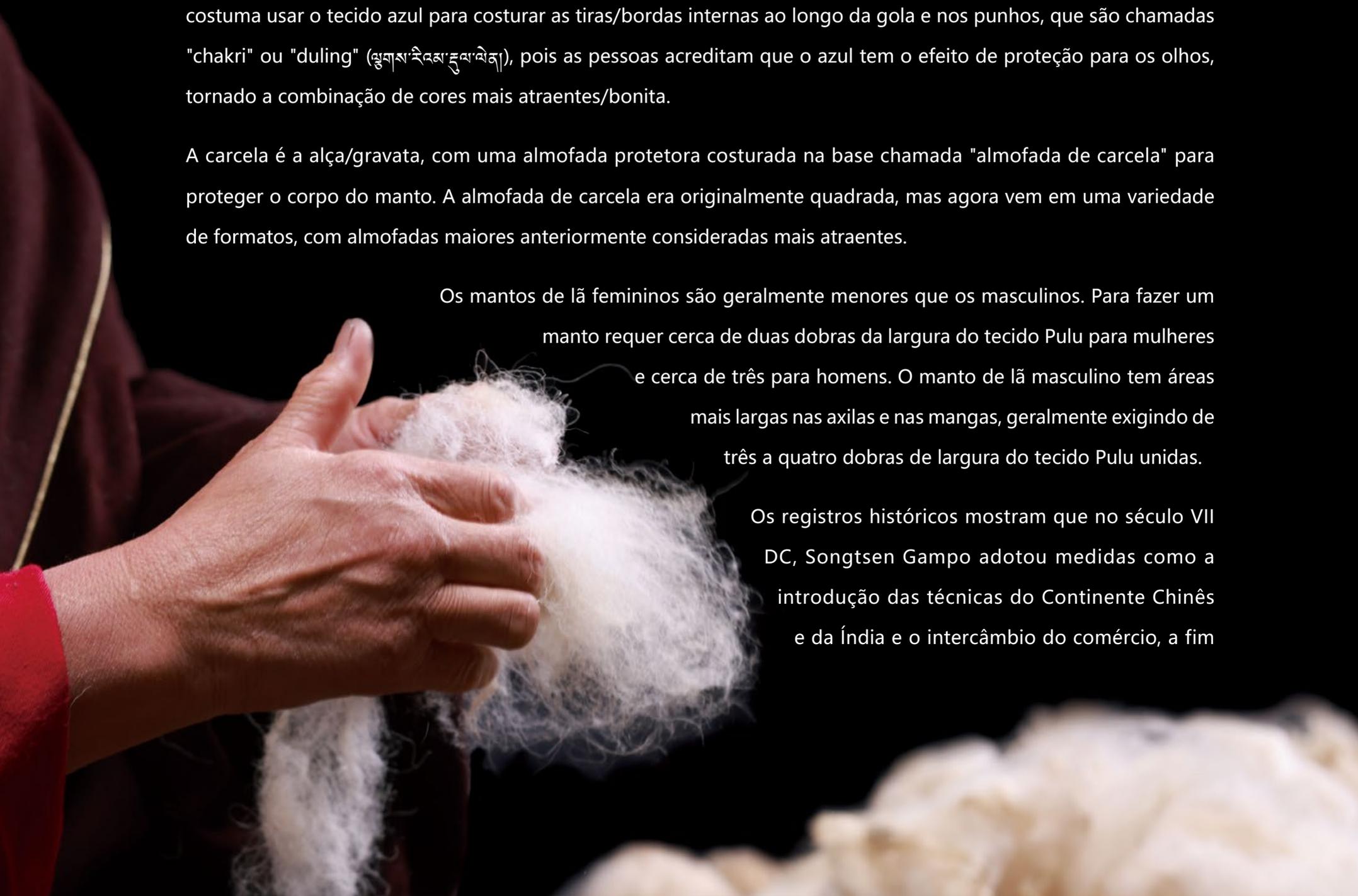
O manto de lã é um manto cerimonial tradicional comum nas áreas tibetanas, tendo a lã de ovelha como material principal. O manto consiste nos seguintes elementos de orla/borda interna, mangas, almofada de carcela, carcela, exterior do manto, interior do manto, reforço lateral, painel lateral, etc..

A parte externa do manto, a parte interna do manto e as costas são geralmente um pedaço inteiro de tecido Pulu. Para criar uma forma curva quando usado, os painéis laterais são costurados nas laterais externa e interna do manto. Nas costuras que unem as duas partes e as costas, um pedaço de tecido/reforço triangular é emendado, denominado "remendo", com a ponta voltada para cima, chamada em tibetano de "delgoma" (མདེལ་མགོ་མ). A população local costuma usar o tecido azul para costurar as tiras/bordas internas ao longo da gola e nos punhos, que são chamadas "chakri" ou "duling" (ལྷགས་རིམ་རྒྱལ་ལེན།), pois as pessoas acreditam que o azul tem o efeito de proteção para os olhos, tornado a combinação de cores mais atraentes/bonita.

A carcela é a alça/gravata, com uma almofada protetora costurada na base chamada "almofada de carcela" para proteger o corpo do manto. A almofada de carcela era originalmente quadrada, mas agora vem em uma variedade de formatos, com almofadas maiores anteriormente consideradas mais atraentes.

Os mantos de lã femininos são geralmente menores que os masculinos. Para fazer um manto requer cerca de duas dobras da largura do tecido Pulu para mulheres e cerca de três para homens. O manto de lã masculino tem áreas mais largas nas axilas e nas mangas, geralmente exigindo de três a quatro dobras de largura do tecido Pulu unidas.

Os registros históricos mostram que no século VII DC, Songtsen Gampo adotou medidas como a introdução das técnicas do Continente Chinês e da Índia e o intercâmbio do comércio, a fim



de promover o desenvolvimento econômico e cultural de sua nação. Através desses métodos adotados, as técnicas têxteis tibetanas fizeram grandes progressos. No século XIV DC, a tecelagem/ tecnologia têxtil Pulu atingiu o seu auge e então ocorreu o fenômeno de que para além de estarem ocupados com a agricultura, os agricultores passavam tempo operando teares Pulu, com quase metade das famílias possuindo um “tear Pulu”.

Pulu é um tipo de tecido de lã feito à mão pelo povo tibetano. Da lã crua ao Pulu, ela precisa de passar por uma série de procedimentos como: tosquia, lavagem, secagem ao sol, cardação, fiação, urdidura, entrelaçamento, tecelagem, tingimento, engomagem, fricção, desbotamento e a secagem ao ar. Pulu tem textura macia mas densa e quente, disponível em diversas variedades para fazer roupas, colchões, cobertores de cama, botas, avental Pangden e muito mais.

Com base na qualidade da lã, o Pulu pode ser classificado desde o melhor shetma escovado e não tosado/ tosquiado, até o hsatma tosquiado, seguido por shuto, pecheg, jingma, até o lawa mais baixo (ལཱ་པ།), que é equivalente ao feltro.

De acordo com diferentes padrões e cores, Pulu pode ser dividido em “namwu tegma” com padrão cruzado (ལྷན་སུ་རྩེག་མ།) para colarinhos, punhos e bainhas de manto, Pangden Pulu com cores brilhantes como um arco-íris, o Pulu vermelho adequado para cerimônias solenes, o Pulu preto usado principalmente por funcionários, empresários e intelectuais/estudiosos da sociedade feudal, o Pulu amarelo usado em campos religiosos e o Pulu branco não tingido usado por pessoas comuns.

A qualidade do Pulu é geralmente avaliada pela densidade dos fios da urdidura e da trama e pela solidez da cor. O Pulu fino de alta qualidade tem cerca de 100 fios de urdidura e trama apenas na área coberta pelo polegar, ganhando o nome de “tegyama” (མཐེན་བརྒྱ་མ།).

Além de leve, mas quente e com uma textura delicada, o Pulu é uma arte de tecelagem sofisticada, o que o tornou um manto cerimonial essencial para festivais e celebrações importantes da atualidade.



**GANCHO PARA
BALDE DE LEITE**



① Almofada de alça

② Gancho duplo

O gancho de ordenha (leite) é uma ferramenta usada pelas pastoras para pendurar nos cintos, a corda no balde de leite na ordenha das vacas. Consiste em uma alça, uma almofada de alça e um gancho duplo.

Em tibetano, os ganchos de ordenha são chamados por vários nomes, como: Shyochar (བཞོ་མཚར་ bzho mchar), Shyolung (བཞོ་གུང་། bzho lung) e Shyozung (བཞོ་ག་རྩུང་ད་ bzho gzung dang bzho zungs). Na área de Drango, porém, as pessoas costumam usar o primeiro.

Inicialmente os ganchos de ordenha eram feitos principalmente de madeira e chifres de animais, com ambas as extremidades ligeiramente curvadas(dobradas) para cima, para que pudessem ser facilmente presos à corda e amarrados na cintura. Com a melhoria das condições materiais, cobre, alumínio, ferro e outros materiais passaram a ser utilizados na confecção de ganchos de ordenha. A pulseira também evoluiu a partir da corda original de cabelo de iaque até almofadas de couro de várias cores, que são práticas e decorativas. O material dos ganchos de ordenha continuou a evoluir. Com o aprimoramento do trabalho em metal, as pessoas começaram a gravar padrões nos preciosos ganchos de ordenha de ouro e prata, e incrustá-los com turquesa, coral, ágata e outras pedras preciosas. Esses ganchos de ordenha são usados principalmente para decoração.

Caso o balde de leite seja segurado durante a ordenha pelas pastoras, isso significa o consumo de tempo e é também considerado inconveniente; caso o deixem sem apoio sob a barriga da vaca, o balde poderá ser derrubado pela vaca e o leite desperdiçado. Assim, surgiram as ferramentas para pendurar baldes de leite na cintura. A maneira local de usar um gancho de ordenha é pendurá-lo no centro do Pangden (avental das mulheres tibetanas). No passado, a pastora e o seu gancho de ordenha eram inseparáveis, da mesma forma que o seu manto tibetano. Onde quer que ela fosse, nunca sairia sem o roupão ou o gancho de ordenha. Mesmo





à noite, quando adormecida, colocaria-o junto com o cinto em um local limpo ao lado do travesseiro e nunca o deixaria de lado descuidadamente.

Nas áreas pastorais, os homens caçam e comercializam, enquanto as mulheres ficam em casa e cuidam das tarefas domésticas, como limpar, recolher estrume de vaca, tecer, cuidar dos filhos, ordenhar e fabricar produtos lácteos. A ordenha geralmente é o trabalho de mulheres pastoras, então os ganchos de ordenha são usados exclusivamente por mulheres, não por homens.

Hoje em dia, uma variedade de ganchos de ordenha estão surgindo, com características próprias em estilo, cor, material, escultura, design, incrustação, etc.. Nas áreas pastoris, os ganchos de ordenha e os cintos de prata Kechaps são dotes importantes para as mulheres quando se casam, e cada família prepara antecipadamente ganchos de ordenha adequados de acordo com a situação financeira da família. Hoje o gancho de ordenha não é apenas um enfeite para as mulheres das áreas pastoris, mas também para pessoas de outras regiões que começaram a usá-lo.

Em resumo, o gancho de ordenha evoluiu de uma ferramenta prática para um ornamento. Não só incorpora detalhes da vida pastoral, mas também se torna um símbolo da cultura tibetana, refletindo o importante papel das mulheres na família e na sociedade.

A person wearing a black and red costume is holding a traditional stringed instrument. The instrument has a large, light-colored, fringed headstock and a long, thin neck. The body of the instrument is dark and has a red tassel hanging from it. The background is black.

**CORDA DO
ESTILINGUE**



1 Anel de estilingue

2 Borla

3 Trança de gang Zalmo

4 Trança de Nove Primaveras

5 Corda Principal

6 Almofada de estilingue

7 Corda Auxiliar

8 Protetor de corda

9 Trança de fio mosqueado

10 Língua de estilingue

A corda do estilingue é uma ferramenta tradicionalmente usada pelos nômades para atirar pedras e impulsionar os iaques durante o pastoreio. Consiste em várias partes principais: um anel de estilingue, uma borla, uma corda principal, uma almofada de estilingue, uma corda auxiliar, um protetor de corda e a língua da almofada de estilingue.

O anel do estilingue é um laço na ponta da corda principal em que o dedo médio é inserido para arremessar pedras.

A almofada do estilingue é usada para segurar a pedra, por isso deve ser resistente; a camada interna geralmente é feita de feltro, enquanto a camada externa está envolta em restos de couro velho de cervos aquáticos ou outros animais. Também é decorado com uma borla vermelha.

A língua do estilingue, localizada na extremidade da corda auxiliar, geralmente é trançada com fio de lã de ovelha. Ao atirar uma pedra ou balançar vigorosamente o estilingue acima da cabeça, a língua emite um som alto de 'Tsa', ajudando a reunir e impulsionar os iaques.

A borla geralmente é tingida de vermelho para fins estéticos e acredita-se que evita ferir os iaques ao atirar pedras.

O protetor de corda, situado próximo à almofada do estilingue e firmemente enrolado em fio de lã de iaque preto e branco, foi projetado para reduzir o atrito na corda auxiliar à medida que a pedra é arremessada, enquanto o padrão contrastante em preto e branco realça a estética. Há um ditado na área de Drango em que se diz que se for usado fio de lã preta pura como protetor de corda, isso causará ferimentos nos cascos, pernas e olhos do iaque, portanto, apenas fio de lã branca é usado. Às vezes, a pele de veado aquático pode substituir a lã de iaque para fazer o protetor de corda.



Fio e fios de corda
(desfavoráveis)



A torção e o pescoço quebrado de um cervo
(desfavoráveis)



Dzo feminino com nariz dourado
(auspicioso)

Bolsa de cabeça redonda (extremidade redonda)
(auspiciosa)





Para trançar um estilingue, a fibra de lã de iaque preta e branca selecionada e penteada é primeiro torcida em fio usando um fiandeiro (máquina de fiar) ou fuso de fio e depois o fio preparado é enrolado em torno de uma barra cilíndrica de madeira. Para trançar formalmente um estilingue, uma estaca é cravada no chão, uma ponta do fio é amarrada na estaca e a trança é iniciada a partir da língua do estilingue na corda auxiliar, facilitando a formação da borla na extremidade da corda principal.

Existem muitos tipos diferentes de trança para a corda do estilingue, incluindo a trança de quatro fios, a trança de oito fios, a trança Zalmo Gang, a trança de fio mosqueado, a trança de nove primavera e assim por diante. Entre esses, o padrão Zalmo Gang trança dois fios pretos e dois fios brancos em listas lineares; a trança de fio mosqueado é um padrão trançado com quatro fios pretos e brancos; a trança de nove primaveras é composta por oito fios de lã de iaque pretos e brancos trançados em um formato que lembra um riacho sinuoso, usado para evitar ferir os olhos ou cascos do iaque. Tradicionalmente, a corda principal do estilingue na área local é feita principalmente da trança Zalmo Gang ou trança de nove primaveras, enquanto a corda auxiliar é feita de trança de fio mosqueado.

A maneira de arremessar uma pedra com o estilingue é inserir (colocar) o dedo médio da mão direita no anel do estilingue, apertar a língua do estilingue entre o polegar e o indicador e, em seguida, usar a mão esquerda para colocar a pedra na base (almofada) do estilingue. Após a colocar, para acumular a força, balance-a vigorosamente acima da cabeça algumas vezes, mire no alvo e solte a língua do estilingue.

Em termos de função, existem estilingues de longa e curta distância, e em termos de materiais, existem cordas de estilingue feitas de lã de iaque e de couro, bem como estilingues simples feitos de cadarços ou cordas de náilon.

Originalmente, a corda do estilingue não era usada para pastorear iaques, mas sim uma arma usada em guerras entre diferentes regiões. Tradicionalmente, a guerra usando estilingues como armas era conhecida como Guerra do Estilingue. Na “Festa dos Eruditos”, é mencionado que o Tibete é governado pelos temíveis fantasmas em fuga, o estilingue apareceu na região de Lingtang Langtang, dentro do seu distrito governante. “A Epopéia de Gesar” também conta: “Os guerreiros usavam a pedra e a madeira do chão como armas ao observarem as clematites da montanha, obtiveram a sabedoria de dar nós, ao verem pedras no local onde as crianças brincavam, inventaram o estilingue (a fisga).





Quando a pedra é arremessada, o som característico "Ur" (ལུར 'ur) é emitido, enquanto a pedra do estilingue é chamada de "Do" (རྫོ ར་do), daí o nome tibetano 'Ur Do' (ལུར་རྫོ 'seu rdo). É também chamado de "Ur Cha" (ལུར་ཇ།'ur cha) devido ao emparelhamento das cordas principal e auxiliar.

Os nômades geralmente amarram o estilingue nas cordas internas e externas da sua tenda preta em sinal de reverência, pois não o deixariam descuidadamente onde pudesse ser pisado. Quando os iaques desaparecem, o pastor vai usar o estilingue para a realização da adivinhação.

O provérbio da corda do estilingue inclui: "Um estilingue azul-acinzentado feito de lã de cabra feriu o pé da cabra marrom." Significa que o que vai, volta.

Há também letras de músicas folclóricas como: "Pendure o estilingue de oito fios em volta da cintura, coloque a pedra na bolsa da barriga e conduza centenas de iaques de volta aos seus cercados."

Os enigmas do estilingue são: "Em sua cabeça, ele carrega um anel, um círculo branco no meio que ele usa, uma cauda como uma cobra d'água que ele ostenta. O que é que essas pistas revelam?" "Um estilingue.", "Ele engole e cospe pedras, faz um zumbido na cabeça e faz um som de raspagem quando jogado para longe." "Um estilingue."

“Quando aninhado em seu covil, ele se enrola como uma serpente furiosa, um sono silencioso, um presságio adormecido. Quando despertado de seu repouso, ele sobe ao céu, como um dragão voador, com asas que voam rapidamente. Seu golpe contra a pedra, um rugido estrondoso. O som do chicote é como um relâmpago. O que é?” “Um estilingue.”

“Nenhum martelo de ferreiro forjou sua estrutura, mas possui pernas longas como a aclamação de uma lança. Orelhas como uma concha, brancas e grandiosas, Não segura balas, mas atira à mão. O que é esta arma, tão única e estranha, com poder de ignição, um alcance de fogo?” “Um estilingue.”

O estilingue (a fisga), como arma de conquista e defesa, transformou-se em uma ferramenta vital para os pastores. Hoje em dia, muitas pessoas a usam como decoração. Em resumo, tem sido uma arma de herói, um assistente de pastor e um acessório de uma dama - uma criação engenhosa e milenar dos ancestrais tibetanos.

TSALEB





- | | | | | |
|--------------------|--------------------|--------------------|----------------------|------------------|
| 1 Cabeça de Tsaleb | 2 Fivela | 3 Borlas vermelhas | 4 Corpo de Tsaleb | 5 Cordão |
| 6 Gravata | 7 Flores de concha | 8 Flor prateada | 9 Borda do arco-íris | 10 Franja / Orla |

Tsaleb (ཚྭ་ལེབ།) (tshwa leb), também conhecido como “Dzabnye” (རཐ་སྟེད།) (rdzab snyed), “Tsachi” (ཚྭ་ཕྱིས།) (tshwa phyis), é um acessório exclusivo para mulheres na área pastoral de Drango. É composto pela cabeça de Tsaleb, fivela, borlas vermelhas, corpo de Tsaleb, cordão e gravata, conchas e outras decorações no topo.

A cabeça de Tsaleb é de forma quadrada e o corpo é de forma retangular, geralmente feito de feltro ou lã preta usada como camada base. As franjas são arco-íris e tricolores, com as cores vermelha, amarela e azul como decoração, combinadas com bordas de tecido vermelho, que é mais atraente.

Inicialmente havia apenas uma porção de cabeça num Tsaleb, com corpo mais fino e sem ornamentação. Com o desenvolvimento da economia e a melhoria dos padrões de vida, a decoração de Tsaleb tornou-se mais variável, começando pelo corpo alargado e pelas conchas como decoração.

Algumas famílias mais ricas incrustam o centro da cabeça de Tsaleb com uma flor prateada ou pedras preciosas como turquesa para a decoração. Abaixo da cabeça de Tsaleb estão penduradas borlas vermelhas, chamadas “Tsapen” (ཚྭ་འབྲུག།) (tshwa 'phan) ou “Tsorlo” (ཚྭ་ལོ།) (tsor lo).

A decoração de conchas no Tsaleb é incrustada de duas maneiras: uma, como mostra a imagem, é juntar quatro conchas para formar uma flor de concha; a outra é organizar as cascas em fileiras regulares. Dependendo da situação financeira familiar, algumas preferiam conchas como decoração, enquanto aquelas com menos capacidades financeiras escolhiam pérolas tipo rabo de peixe com um preço ligeiramente inferior. Decorar conchas na cintura simbolizava a busca e o destaque da riqueza.

Ao contrário de outros acessórios de cintura, o primeiro passo para usar um Tsaleb é prender a fivela da cabeça sob a cintura esquerda, depois a alça é enrolada nas costas para que fique pendurada sob os quadris e a outra extremidade é presa sob a cintura direita. Usar um Tsaleb pode evitar que a bainha do manto tradicional tibetano seja soprada pelo vento até certo ponto e, ao mesmo tempo, também pode manter as dobras do manto quando este mesmo é usado. Além disso, ao sentar-se no chão, Tsaleb também funciona como uma almofada para evitar a entrada do frio. Hoje em dia, os habitantes locais usam Tsaleb em cerimônias solenes, como festivais e casamentos.

De acordo com os anciãos locais, Tsaleb, como muitos outros acessórios, foi originalmente desenvolvido a partir de ferramentas práticas da vida diária. Originalmente, as mulheres carregavam sacos de sal durante a ordenha ou manuseio de iaques, que era o protótipo de Tsaleb. Além disso, há outro ditado: devido à prevalência de iaques selvagens atacando pastores no passado, as pastoras usavam Tsalebs revestidos de sal – se atacadas por um iaque selvagem, elas poderiam jogar o Tsaleb para o iaque selvagem lambe-lo, ganhando tempo para escapar. Isto pode explicar as conchas encontradas em áreas pastoris e antigos assentamentos.

Existem semelhanças entre o Tsaleb feminino na área pastoral de Drango e os sacos de sal masculinos na área de Kongpo: as mulheres da área pastoral de Drango são responsáveis pela ordenha e, portanto, usam os Tsalebs, enquanto os homens na área de Kongpo são responsáveis pela ordenha e, portanto, usam sacos de sal. Isso mostra a estreita ligação dos Tsaleb com o estilo de vida nómada da ordenha.

Com a sua estrutura delicada, uso conveniente, funções práticas e estilo distinto, Tsaleb não apenas adorna a aparência e proporciona calor, mas também pode retardar ataques de animais selvagens – uma cristalização da sabedoria do povo tibetano.



TREWO
TRAJES





1 Ornamento superior turquesa

2 Brinco de ouro em forma de cevada

3 Guirlanda de marfim

4 Lo Zung

5 Cinto de prata

6 Peixe dourado

7 Caixa de costura

8 Flor prateada

9 Grampo de cabelo coral

10 Decorações de ombros

11 Dratsok

12 Lak Chi

13 Faca de costela

14 Drakor

15 Guirlanda de concha



1 Gyatra

2 Grampo

3 Amuleto grau

4 Faca de
cintura

5 Bolsa

6 Calça pongee
e listrada
colorida

7 Botas
Kulungkhobchen

Trewo, também é conhecido como Trehor (ཐེ་ཧོར། tre hor), no passado, referia-se à área geral de Rongpa Tsa a Dawu, parte norte da região de Kham nas áreas tibetanas, que agora é designada como cidade de Trewo na parte ocidental do condado de Drango, província de Sichuan.

Trewo, localizada na zona climática de monções do planalto, foi historicamente uma área semi-agrícola e semi-pastoril. Nos primeiros tempos, os residentes locais dedicavam-se tanto à agricultura como à pastorícia, sem qualquer distinção clara entre agricultores e pastores. Mais tarde, com base nas diferentes alturas de residência nas encostas das montanhas, os dois grupos começaram a divergir lentamente. Assim, Trewo integra características culturais agrícolas e nômades, formando uma unidade geográfica e cultural única.

Ao longo da longa história da região tibetana, surgiram seis tribos principais: Se (སེ། se), Mu (མུ། rmu), Dong (ཐོང་། Idong), Tong (སྟོང་། stong), Cha (ཅཱ། dbra) e Dru (འབྲུ། bru). Diz-se que o chefe local Trewo descendia da linhagem Dru. A antiga dança Trewo era uma dança da corte dedicada aos chefes. Atualmente, evoluiu para uma dança realizada durante grandes festivais ou cerimônias. Caracteriza-se por cantar e dançar simultaneamente durante as apresentações, e os trajes de dança são trajes locais representativos.



Roupas Femininas

Quando as mulheres realizavam danças antigas, costumavam usar túnicas de lã vermelhas com mangas forradas com tecido azul, combinadas com camisas de mangas compridas brancas ou rosa e botas tibetanas de várias camadas com sola de couro nos pés. Além disso, há ainda acessórios como grampos de cabelo coral, dratsok, decorações para ombros, lak chi, drakor, guirlanda de concha, peixe dourado e caixas de costura.

Os penteados das mulheres Trewo tinham uma característica única que podia indicar se a mulher era casada ou não. As meninas solteiras trançavam os seus cabelos em tranças finas e intrincadas, enquanto as mulheres casadas trançavam separadamente uma trança plana na parte de trás da cabeça chamada "toglepu" (ཐོག་སྒྲི་ཕུད། thog sle phu d) e amarravam as pontas dessas tranças finas num pacote, que os locais chamam esse método de amarração de "drajukya" (སྐྱ་གུ་རྒྱུག་ skra gcu rgyag). Se nenhum outro enfeite de cabelo fosse usado, fios de seda vermelha decoravam as pontas.

1. Dratsok Sokgyen

O enfeite de cabeça feminino/toucado, conhecido como dratsok, e a decoração dos ombros são feitos de contas de âmbar, coral, turquesa e outras pedras preciosas. Juntos, esses adornos são chamados de "dratsok sokgyen". Geralmente acredita-se que um dratsok luxuoso deve conter pelo menos sete contas de âmbar. Na ausência de dratsok, as pontas dos cabelos são adornadas com fios de seda vermelha. A decoração dos ombros deriva da sua colocação nas omoplatas. Normalmente apresenta pelo menos três pedaços de âmbar, amarrado com oito tranças de cabelo, uma em cada ombro, com as pontas enfiadas no cinto. Posicionados acima do dratsok sokgyen estão delicados grampos de cabelo com contas/fios de coral, normalmente dispostos em conjuntos de dois ou quatro fios. Além disso, colares de coral e brincos de ouro são usados em ocasiões formais.

2. Ornamento superior turquesa

O enfeite/ ornamento superior turquesa, como um dos cocares femininos de Trewo, era inicialmente bastante pequeno. Em 1885, Sonam Ngodrub, o chefe Derge, arranhou o casamento de sua filha Dekyi Lhatso com o chefe Trewo, Chime Kalzang Gonpo, em seu casamento, Dekyi Lhatso e as suas criadas vestidas de acordo com os costumes Derge, usando um ornamento turquesa maior na cabeça. Esse estilo foi posteriormente imitado pela população local de Trewo, que começou a decorar o ornamento superior turquesa com ouro, prata e coral, levando gradualmente ao estilo predominante hoje. Além disso, usar o ornamento turquesa também simboliza oferecer mandala ao monte sagrado Tong Kor.

Grande importância foi dada às pedras preciosas e aos trabalhos em metal que são usados para decorar o ornamento turquesa do topo. A turquesa é a pedra preciosa escolhida, pois diz a lenda que a turquesa representa a pura linhagem materna e a continuação dos descendentes do divino. Além disso, usar turquesa no pescoço também é considerado como um símbolo de profundo afeto entre parceiros (homens e mulheres). No passado, as pessoas invariavelmente se adornavam com um espírito turquesa e um espírito dourado, que eram inseparáveis e não podiam ser retirados nem mesmo durante o sono. Acreditava-se que a remoção desses meios significaria a perda da alma, e o deus da guerra deixaria de fornecer proteção. Caso se acreditasse que alguém havia perdido a alma, uma cerimônia de chamada da alma seria realizada, durante a qual a turquesa deveria ser colocada no leite. Esse ritual demonstra a profunda reverência dos habitantes locais pela turquesa.

De acordo com as crenças tradicionais em Trewo, as jóias de ouro combinam bem com turquesa, e usar as duas juntas pode aumentar a sorte e invocar as bênçãos dos protetores do Dharma. Contudo, as jóias de prata são consideradas incompatíveis com a turquesa. As pessoas costumam escolher combinar turquesa



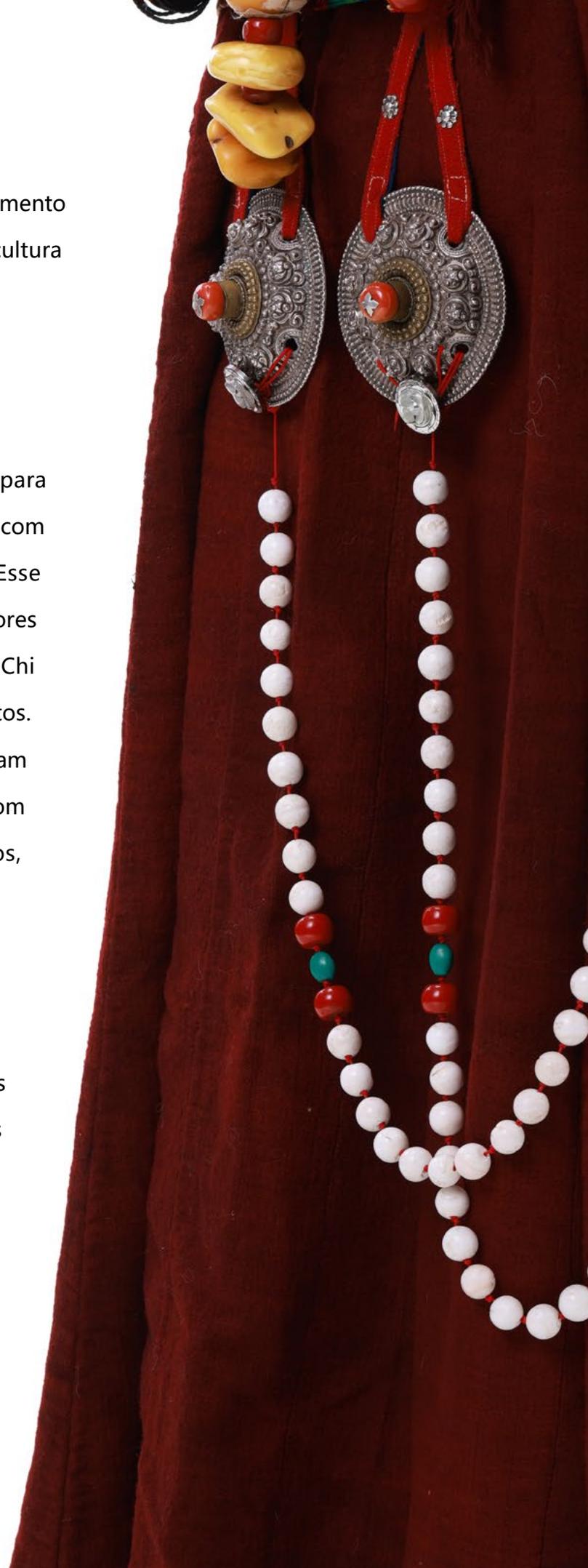
jóias de ouro ou prata com base em suas condições pessoais. Portanto, o ornamento turquesa usado na cabeça das mulheres é um cocar distinto que simboliza a cultura única do Tibete e deve ser usado com a devida reverência, não casualmente.

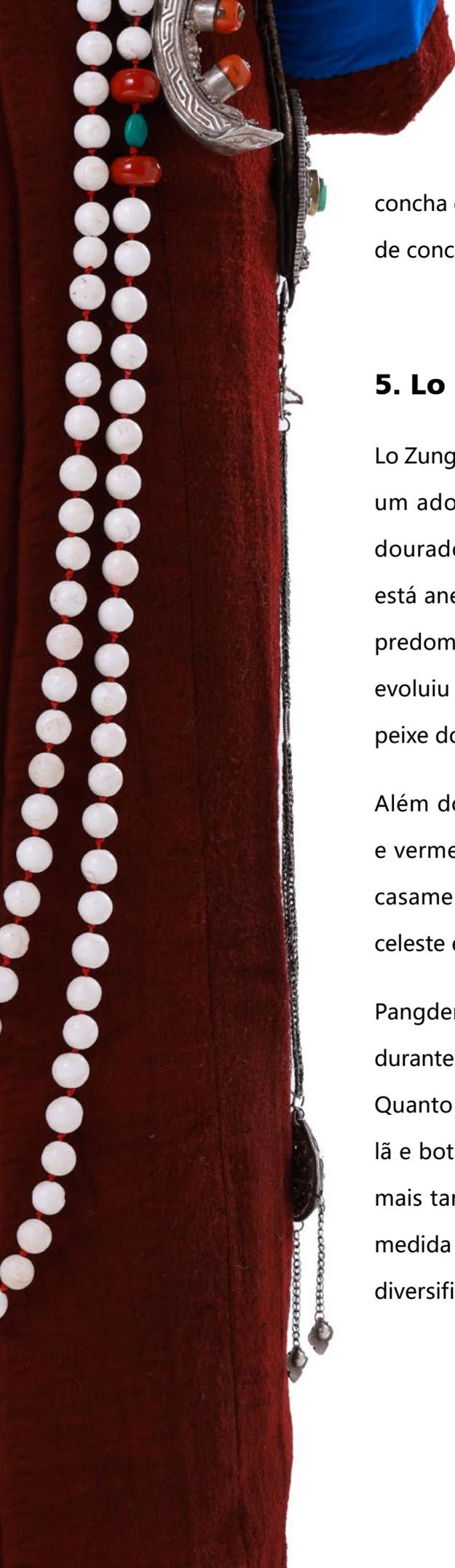
3. Lak Chi

O "Lak Chi" (ལག་ཕྱིས། lag physis) é uma decoração tradicional de cintura usada para fixar as pontas das tranças, tem a largura da boca de um tigre (cerca de 10 cm), com uma alça na parte superior específica para pendurar as mechas de cabelo. Esse enfeite é feito de lã, bordado com padrões de nós auspiciosos, com fios das cores do arco-íris entrelaçados entre a urdidura e a trama. Historicamente, o Lak Chi também foi meticulosamente incrustado com coral e turquesa como ornamentos. Diz-se que aqueles fabricados em Tong Kor (agora no município de Sitongda) eram conhecidos por sua qualidade excepcional. Além disso, o Lak Chi era coberto com uma capa externa de seda pregueada, disponível em comprimentos variados, embora já extinta.

4. Guirlanda de Concha

As cabeças da Guirlanda de concha são amarradas juntas com duas bolas prateadas conhecidas como "drakor", simbolizando as flores de lótus, implicando desejos de prosperidade, longevidade e uma linhagem familiar próspera. Originalmente, o material das bolas prateadas era principalmente prata. Com o passar do tempo, as pessoas começaram a usar ouro ou prata incrustada com ouro. A extremidade traseira da bola prateada é amarrada com duas guirlandas de





concha decoradas com coral e turquesa, e a outra extremidade é presa a um cinto. A longa guirlanda de concha é usada para representar a nobreza e a prosperidade.

5. Lo Zung

Lo Zung, também é conhecido como "Gaelung" (སྐད་ལུང་ sked lung) pelos habitantes locais, apresenta um adorno distinto em sua extremidade inferior. No lado esquerdo está pendurado um peixe dourado, que simboliza a harmonia conjugal e uma jornada tranquila pela vida. Do lado direito está anexado uma caixa(kit) de costura que reflete a tradição local onde a alfaiataria é um trabalho predominantemente feminino. Assim, as mulheres usam uma caixa (kit) de costura, que mais tarde evoluiu de uma ferramenta prática para um enfeite. Além disso, os sinos são decorados abaixo do peixe dourado e da caixa (kit) de costura e produzem um som claro e melodioso durante a dança.

Além dos antigos trajes/roupas de dança, as mulheres costumam usar roupas em marrom, azul e vermelho na região de Trewo. O vermelho simboliza a feminilidade. Especificamente, durante o casamento de uma mulher, ela seria adornada com um vestido feito de brocado azul. A cor azul-celeste é tão bonita quanto o cuco.

Pangden (avental feminino tibetano), foi originalmente usado para proteger as roupas de manchas durante o trabalho e também para segurar itens ou crianças, mas agora evoluiu para um ornamento. Quanto aos calçados, os moradores da região de Trewo costumam usar botas de couro, botas de lã e botas Getze (གུར་ཅི་ gurtsi). Getze refere-se a roupas antigas usadas por soldados indianos e que mais tarde foram vendidas na região de Trewo. A qualidade desses itens é muito boa e durável. À medida que o estilo de vida evoluiu, surgiram gradualmente roupas luxuosas feitas de lã e brocado, diversificando o traje das pessoas.

Roupa para Homem

Os estudiosos do vestuário tibetano salientam que, para estudar o vestuário tradicional tibetano de uma região, deve-se começar com o traje das divindades locais da terra. Esses detalhes do traje foram registrados extensivamente nas sadhanas Sang locais. Como resultado, existem laços estreitos entre o estilo de vestimenta dos homens e dos dançarinos principais em Trewo e o traje tradicional da divindade da terra “Drala”.

Por volta dos anos 270-300, “Drala” era um espírito feroz ou divindade de guerra e foi então subjugado e tornou-se o protetor local do dharma. O texto ritual descreve-o como “usando o capacete de ferro Chegdama, vestido com uma camisa pongee e calças pongee listradas coloridas, com botas tibetanas”. O homem que lidera a antiga dança Trewo e o homem com a arma quando em Trewo se realizam atividades de exorcismo de fantasmas, os seus trajes se assemelham muito à descrição de “Drala” no ritual. Até hoje, os homens em Trewo ainda usam esses trajes tradicionais durante grandes festivais ou cerimônias.

Os antigos trajes/roupas de dança masculina incluem o chapéu Chegdama, cocar gyatsa, manto de lã, camisa pongee, calças pongee listradas coloridas, botas kelenkobchen, bem como acessórios como a adaga(faca de cintura) keru e o amuleto gau.





1. Chapéu “Chegdama”

Tradicionalmente, no tempo frio, as pessoas enrolam lã na cabeça para se aquecerem na região. À medida que o conhecimento e as técnicas avançaram, surgiu a produção de feltro. Os chapéus de feltro, inicialmente decorados com borlas vermelhas, evoluíram gradualmente para estilos mais elaborados como os chapéus bolsha macios e os chapéus brancos luxuosos. Eventualmente, Chegdama surgiu.

Chefes e oficiais adornavam o topo de seus Chegdamas com joias preciosas como lapis-lazuli, enquanto o dançarino-chefe e outros usavam ornamentos menos valiosos. Notavelmente, apenas o dançarino principal e seis dançarinos específicos foram autorizados a usar o Chegdama. Outros usavam chapéu gyatra. O Chegdama serviu como um marcador de estatuto e privilégio, como o enfeite superior de um chapéu. Nem todos podiam usá-lo.

Os homens Trewo começaram a usar o gyatra, cocar desde muito cedo. Em tibetano, "gya" (རྒྱ) em gyatra, (རྒྱ་སྒྲི) significa tecido como uma rede, enquanto "tra" (སྒྲི) refere-se ao cabelo. No passado, os homens mantinham cabelos longos e grossos e, quando usavam o gyatra, primeiro trançavam lã de iaque nas pontas e depois enrolavam-no grosseiramente em volta da cabeça para se aquecerem. Não podia ser cortado por lâminas, funcionando de forma semelhante a um capacete de armadura.



Os melhores gyatra eram feitos de lã de iaque selvagem, originalmente decorados com grampos de osso ou concha, posteriormente usando tiras de tecido colorido. A outra explicação atribui a difusão do gyatra ao comerciante Norbu Zangpo. Os fios de metal foram usados dentro das tranças, tornando-as impermeáveis às lâminas. As tiras de tecido multicoloridas (cinco cores) simbolizavam a convocação dos cinco tipos de cavalos de vento e divindades guardiãs naturais para conceder boa sorte. Hoje em dia, o gyatra é adornado com enfeites de coral e bolas prateadas e usado durante festivais ou cerimônias importantes.

2. Mantos de lã

Os mantos/vestes de lã dos homens Trewo são geralmente mais largos, o que simboliza fortuna abundante/boa sorte. As mangas têm o formato das asas abertas de um abutre durante a refeição. Ao usar o manto/robe de lã, vincos e dobras aparecem nas costas, com média de trinta e cinco a sessenta e cinco dobras. Se houver menos de trinta e cinco dobras é tradicionalmente considerado como uma indicação de falta de fortuna e de qualidade insuficiente.



3. Camisa Pongee e Calça Pongee Listrada Colorida

Ade (ཨ་རུ ardu), que significa pongee em tibetano, refere-se ao tecido grosso feito a partir dos resíduos que sobraram da transformação dos casulos do bicho-da-seda em seda. O tecido é grosso e usado para fazer camisa pongee e calças pongee listradas coloridas.

Em comparação com outras regiões do Tibete, as calças pongee listradas coloridas na região de Trewo têm algumas características únicas. Essas calças pongee exigem cortes largos de tecido; costurados juntos a partir de listras pongee roxas e brancas individuais; as pernas das calças são decoradas livremente com muitas borlas soltas.

As calças pongee com listras coloridas são usadas de maneira diferente das outras calças, pois exigem que a parte mais larga na panturrilha seja dobrada de dentro para fora. Normalmente, as calças de tamanho médio podem ser dobradas de 5 a 6 vezes, enquanto as calças de tamanho maior podem acomodar de 7 a 8 dobras. Sem essas dobras, caminhar pode ser complicado. Depois de dobradas, as tiras das botas são amarradas com segurança na panturrilha. O cocar "GyaTra" e as calças pongee listradas coloridas simbolizam as capacetes e as armaduras.

4. Botas Kulungkhobchen

As botas Kelenkobchen são usadas pelos homens Trewo em danças antigas e ocasiões formais. As solas das botas são feitas de múltiplas camadas de couro e cravejadas com muitos pregos, fazendo um som nítido ao caminhar. Nomeadas em homenagem ao material principal "kelen (ཀལེན་པོ་)", as botas às vezes têm atacadores de brocado chamados "pangoma (པང་མོ་མ། spang ko ma)" amarrados em torno delas.

5. Faca de cintura

As facas usadas pelos homens Trewo são semelhantes às de outras regiões. As melhores facas tibetanas costumam ser adornadas com pedras preciosas ou relevos requintados. Essas facas serviam para autodefesa contra bandidos e inimigos, mas também eram ferramentas utilitárias de produção e de vida. À medida que as condições de vida melhoraram, as facas evoluíram gradualmente para artigos decorativos luxuosos.

6. Bolsa

Os homens Trewo também usavam pequenas bolsas na cintura. No passado, as pessoas usavam pequenas bolsas de couro para guardar moedas e pequenos itens, pendurando-as na cintura como bolsas. À medida que os padrões de vida aumentaram, as pequenas bolsas evoluíram para as bolsas decoradas com pedras preciosas, corais, prata, etc.. Assim como as facas, as bolsas passaram de itens utilitários a decorações. Como os homens frequentemente saíam para ganhar a vida, esse acessório (a bolsa) era mais comumente usado pelos homens do que pelas mulheres Trewo.



Além dos antigos trajes/roupas de dança, as roupas tradicionais diárias dos homens na região de Trewó incluem mantos de feltro branco e roupas marrons.

As antigas letras de dança, que dizem: "Os chefes Trewó vieram à frente do povo em vestes brancas de feltro", demonstram vividamente a importância de tais roupas na sociedade Trewó. Diz a lenda que o manto de feltro branco representava a pura ancestralidade e descendência de clãs divinos do usuário, simbolizando o estatuto nobre. A matéria-prima do manto de feltro branco é a lã de ovelha. Inicialmente, a lã era usada para manter as pessoas aquecidas, mas com o passar do tempo, com o avanço das técnicas de feltragem e tecelagem, as pessoas aprenderam gradualmente a fazer e usar mantos de feltro branco. Geralmente, os homens usam os mantos/túnicas de feltro branco, enquanto as mulheres não.

Acredita-se tradicionalmente que as roupas marrons são capazes de invocar o protetor do dharma. Portanto, não deve ser pisado ou pisoteado e deve ser guardado em local limpo; Usar essas roupas ao sair garantiria o sucesso em todos os empreendimentos e a fácil subjugação de qualquer inimigo encontrado.

Quanto aos acessórios, os homens Trewó usavam facas de cintura como o Padam, o Hordri de Tong Kor e a faca de costela Lodri. Os homens também usavam pederneiras de aço na cintura, pois muitas vezes ficavam estacionados nas montanhas para caçar e precisavam fazer fogo. E nos pés, estes mesmos usavam vários tipos de botas, como botas Khu ling khob chen, botas de couro, botas tibetanas ou botas arco-íris mongóis. Vale ressaltar que as botas arco-íris mongóis são usadas exclusivamente por indivíduos de alto estatuto, como o rei e os seus ministros.

གོང་གསལ་ལྟེ་བར་ནང་གི་བཤམ་རྗེས་རྣམས་ནི། བྲག་མགོ་ཉི་དར་བོད་ཀྱི་གོས་རྒྱན་
རིག་གནས་བཤམས་སྟོན་ཁང་དུ་བསྐྱུ་ཚགས་བྱས་ཡོད་པའོ།།

上述图片中的展品，均来自炉霍德达藏服饰文化博物馆的收藏。

Todas as fotografias acima são de peças de colecções provenientes
do Museu da Cultura de Trajes Tibetanos Drango Deda.



khenposodargye.org



ཡི་གེ་ཉི་ཤུ་རྩ་དྲུག་ལ་འདི་དཔེ་ཚའི་ནང་དུ་བཞག་ན་དཔེ་ཚའི་ཅི་འདྲར་
བཞག་མཁས་ཀྱང་ཉེས་བཅི་འབྲུང་བར་འཇམ་དཔལ་རྩ་རྒྱུད་ལས་གསུངས་སོ།།

For Non-Commercial Use Only